

Argentina Pro-fética

**canto dos peregrinos
antes de nascer**

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

Argentina Pro-fética

**canto dos peregrinos
antes de nascer**

2017

Muñoz Soler, Ramón Pascual _ 1919/1999
Argentina Pro-fética / Ramón Pascual Muñoz Soler
Edição do Autor – 2017

Título original: *Argentina Pro-fética*

1. Novos Caminhos da História 2. Evolução Espiritual
da Humanidade

Página web: www.egoencia.uno

Tradução para o Português e capa: equipe VL

Edição do Autor - 1ª edição

Em memória e homenagem a Edgardo A. Cainzos

Foste aquele que acreditou na edição da obra de nosso querido Don Ramón P. Muñoz Soler. Procuraste incansavelmente um editor, até converter-te em veículo e mensageiro da mensagem. E encontraste duas maravilhosas pessoas, Javier e Mônica, que souberam sabiamente dar forma material à Ideia e levá-la até nossos leitores.

Obrigada por ter-me acompanhado neste importante trajeto do caminho e ter-me honrado com tua amizade, ficando de manifesto como ensinança viva de fé, tua permanência inalterável nos mais elevados valores do Espírito.

Desde o silêncio da Eternidade, permanecerás em minha memória.

Brigitte

Argentina Pro-fética

ÍNDICE

<i>Argentina Pro-fética?</i> _____	12
<i>Argentina germe</i> _____	15
<i>Argentina arkhetípica</i> _____	22
<i>Linguagem Cosmogônica</i>	
<i>Geometria Simbólica do Drama da História</i> _____	28
<i>E houve um re-conhecimento</i>	
<i>antes de nascer...</i> _____	31
<i>Mysterium de transfiguração</i>	
<i>Argentina secreta</i> _____	41
<i>A casa que habitávamos ficou sem sustento</i> _____	46
<i>Novo Código Gen-ético</i>	
<i>Argentina –Corpo</i> _____	50
<i>Detenho-me para ser... e voltar a perguntar</i> _____	55
<i>É hora de outro destino para o homem...</i> _____	61
<i>Matriz Arkhetípica da Obra</i> _____	68
Segundo Manifesto	
<i>operários da Obra, uni-vos</i> _____	69
Estratégia de transfiguração _____	76
<i>A-mérica, monopólio magnético</i>	
<i>na geografia simbólica da Nova Terra</i> _____	94
<i>E a Argentina?</i> _____	102
<i>... seguindo as pegadas dos filhos do Sol</i> _____	106

Gesta de transfiguração na noite austral

Antes...

antes que a noite se feche...

antes que se apague o lume...

antes que nos roubem a alma do povo...

Não é um falar sobre...

É re-soar a partir de...

Argentina Pro-fética?

CANTO DOS PEREGRINOS ANTES DE NASCER

*Detenho-me um instante...
antes de dar um passo certo no caminho incerto.*

*Inclino-me reverente
ante o Silencioso-advento.*

*E ao tentar dizer
o que a Argentina tem a dizer
posso ouvir
aquilo que está por-Dizer.*

Sim:

De além

dos altos cumes dos Andes,
do majestoso Prata,
do caminho do Inca,
da insondável Antártida...

de aquém

da cidade dolente
e do sacrifício dos inocentes...

do Coração do povo,

chego a ouvir a voz In-sonora de uma

Argentina A-nunciadora.

Hora solene!

Um misterioso Raio quebra a treva da
Noite cosmogônica
e fecunda o seio da Mãe-terra.

¡Oíd mortales!
(Ouvi, mortais)*

Uma Onda pro-fética traça sua pegada in-visível no céu
e antecipa os novos caminhos da História.

Onda pro-fética:

Nascimento antes de nascer.

Antes do tempo do desmoronamento do *Imperium*,
antes do tempo dos filhos por nascer...
na grande constelação de signos do tempo,

Argentina A-lumbra
como novo signo do Mundo.

É o signo do mensageiro que traz o Lume:
para renovar o fogo sagrado da Vida.

¡Y los libres del mundo responden!
(E os livres do mundo respondem)*

Humano pre-sentir de almas mensageiras que,
convocadas pelo mesmo Verbo
vêm habitar uma terra-Mãe
abençoada pelas estrelas do céu.

Para além da Argentina da paisagem e da mestiçagem,
da epopeia emancipadora dos fundadores
e da tragédia política dos traidores,
do celeiro do mundo e do sacrifício dos inocentes...

* Estas arrebatadas expressões fazem parte do Hino Nacional argentino. (*nota da tradução*)

Existe uma Argentina Pro-fética

que *é*, antes de “ser” ou “não-ser”,
nota mística: resonantia-Verbum
con-stelação de signos antes de nascer.

Um enigmático sinal pro-fético se antecipa à organização social, política, econômica do mundo vindouro. Con-stelação de signos?

Con-Stella!

Mudou a polaridade
do eixo espiritual do mundo.

Caíram as estrelas
que iluminavam o antigo céu.

América Continente: uma alma ainda não-nascida...

O sangue ígneo
circula pela coluna vertebral do planeta:

do Ártico
à Ant-Ártica.

E, outra vez a pergunta:
Argentina Pro-fética? Sim:

Porque não se trata de falar “sobre” a Argentina. Quero dizer: não se trata de empreender o longo caminho histórico, antropológico, genético, social, geopolítico para chegar a dizer o que a Argentina “é”, deixou de ser ou poderia ser. Já percorremos esse caminho e já chegamos à fronteira crítica onde morrem as palavras.

De que se trata então, quando dizemos “Argentina Pro-fética”? Trata-se de ouvir a palavra *anterior*: o que a Argentina tem de mais essencial e próprio para dizer-*nos* e que ainda não disse. Ou que disse, mas esquecemos o Dito.

E o que é esse algo “mais essencial” e “mais próprio”?

Argentina germe

*...uma forma biológica do pensar,
como se esta se movesse, não por um
princípio de causalidade mecânica, mas
de causalidade por germinação.*

Rodolfo Kusch, *América Profunda*

Não é o que a Argentina diz,
é o que a Argentina alberga.

É o *germe* vivo que a Argentina alberga
em sua matriz providencial: lume que
mensageiros celestes nos entregaram em custódia.

Lume mensageiro que anuncia o
A-lumbramento do homem vindouro.

Haveremos esquecido este Pro-gene?

A terra fecunda se ofereceu generosa aos povos do mundo, “a todos os homens de boa vontade que querem habitar o solo argentino”. E vieram aos milhares: e houve celeiro do mundo e circulação de riqueza. E houve revolução social e mensagem espiritual para os demais povos. Desafiámos os poderosos da Terra, mas o desafio foi grande demais e o próprio povo não esteve preparado para defender o sal da terra: sofremos o “horror” e o “exílio”. A terra foi ocupada e o povo chegou a sentir-se estrangeiro em sua própria casa.

Qual é a natureza desta confrontação de forças que até hoje dilacera o tecido social, não só da Argentina, mas de toda a América? Domingo F. Sarmiento, em seu *Facundo* (1845), já tipificava o drama americano como luta antagônica entre “civilização e barbárie”. Depois, falaríamos de “brecha tecnológica”, de “primeiro mundo” e dos demais mundos...

Mas, não nos adiantemos: não só de civilização e barbárie vive o homem.

Janeiro de 1919

Eu ainda não havia nascido, faltavam ainda alguns meses. A consciência profunda do não nascido registrava a luta de sombras que se moviam em sangue e morte nas ruas de uma Buenos Aires, dos começos do século: havia irrompido a “semana trágica”. Minha mãe me contaria, anos mais tarde, que nesse momento ela,

grávida, levando-me em seu ventre, estava se repondo de uma leve indisposição, na Maternidade Peralta Ramos, do Hospital Rivadavia.

As pessoas sentiam grande temor e insegurança naqueles dias de agitação operária.

Haveria ficado na criança por nascer algum vestígio da onda de violência social que, anos depois, comoveria – e com destino ainda mais “trágico” – a alma coletiva de seu povo?

19 de junho de 1919

Suponho que sim, mas desta vez, a nota vibratória que agitava as águas da vida não era social-trágica e sim, místico-espiritual: um “toque delicado” comoveria o coração daquele menino que via a luz pela primeira vez, em um povoado (Moldes) no sul da província de Córdoba, Argentina. Naquele tempo, não havia “maternidades” nos povoados de minha terra, nem “medicina pré-paga”, nem “médicos parteiros”: só a “parteira” – seria melhor dizer a “comadre” – uma mulher prática que assistia a parturiente na casa, em meio a bacias de água quente, toalhas e boas vizinhas que ajudavam...

Era um dia muito frio de junho, estava nevando e, enquanto o menino nascia, passava a procissão de Corpus Christi à frente de nossa casa (Corpus era celebrado, naquela época, com grande fervor religioso). Não sei se tudo isto não será mais que uma coincidência significativa: o que sei é que meu coração ficou marcado para sempre com as luminosas pegadas do Verbo caminhando sobre a Terra.

... de de 195...

Já não era a procissão de Corpus a figura simbólica que oficiava a liturgia deste “segundo nascimento”: uma onda de fogo sagrado feria o coração daquele menino, já feito homem. Mas, pode o homem nascer, sendo velho? É a pergunta de Nicodemus: já conhecemos a resposta do Evangelho.

Transição de fase:

do ideal da alma
ao incêndio da matéria.

A própria Argentina havia entrado em uma fase decisiva de seu destino histórico: o relógio cósmico marcava a hora de seu “segundo nascimento”. Era tempo de *nascer*. Mas, de que tempo estamos falando? Da seta do tempo, do tempo social, do tempo histórico? Ou do não-tempo da Noite que precede o Nascimento?

Não estamos falando do século XXI
nem dos séculos vindouros...

A chave de sentido não vem do século que se inicia: pro-vem do drama do “ciclo” que se fecha.

Já não temos mais tempo.

*Fecha-se um grande ciclo cosmogônico:
o perigo é ficarmos presos
no antigo tempo.*

Juan Domingo Perón, ao voltar do exílio, havia pronunciado severa advertência: “O século XXI nos encontrará unidos, ou então, dominados”. Hoje, as cartas já estão lançadas...

Mas, não é desse tipo de dominação que gostaria de falar. Não quero falar de Filosofia da História, Teologia da Libertação, revolução social, revolução tecnológica, teoria da Ciência, viagem às estrelas... de tudo isso, já se falou demais. Já não temos mais tempo.

Quero falar do que sinto... ou melhor, do que pre-sinto: sabendo de antemão que não posso dizer tudo o que gostaria de dizer (limite da linguagem). Gostaria de dar *som*, palavra, ao Verbo inaudível que advém, em busca do som e da palavra. Mas, podemos deter a ação do Verbo, ainda que falte a palavra? “Nenhuma coisa seja, onde falte a palavra”: no poema intitulado “A Palavra”, de Stefan George, comentado por Martin Heidegger (e isto é assim, na ordem “essenciante” da fala).

*Tudo me faz pensar,
que na era que se inicia
o Verbo se A-nuncia a si mesmo
como onda Pro-fética (que é, antes da palavra).*

É a chave vibratória, o sinal A-nunciador do novo signo do tempo: o Mensageiro que, *antes* de chamar à porta, já derrubou a casa.

*Ruptura de simetria do mundo do homem.
A casa que habitávamos ficou sem sustento.*

Transfiguração Social do Verbo.

Não temos ainda linguagem apropriada para dar “forma” à Concepção primordial da alma: pegada gen-ética do Ser que abriga nosso sonho, *antes* de entrar na vida.

Mas, que papel desempenha a Argentina Pro-fética nesta Noite do mundo, *antes* de nascer?

*No campo magnético-espiritual do mundo
por nascer,
no novo ciclo cosmogônico que antecipa
funções da vida, ainda não nascidas,*

*a Argentina Pro-fética se oferece
como matriz-Mãe
de Transfiguração Social do Verbo.*

O ciclo cosmogônico prepara as condições para a entrada do homem cósmico em cena.

Cada um dos povos da Terra se prepara para participar: com sua ciência, sua tecnologia, sua organização. A Argentina se antecipa como “recinto místico” de gestação: nascimento de uma nova síntese humana por transfiguração gen-ética de valores materiais e espirituais. Qual é a natureza essencial desta gesta?

Gesta heróica?
Gesta cultural?

Algo mais:

Gesta sacrificial!

Um argentino visionário, Solari Parravicini, lá pelos anos 1938-1939, proferia estas palavras:

A Argentina sofrerá em pequeno
o que o mundo sofrerá depois.
Argentina será luz.

Guerra arquetípica. Gesta sacrificial. Era Outra a natureza da guerra (e continua sendo Outra). Também é outra a “teoria” da guerra: a luta dos opostos já não pode ser resolvida pela dialética da História, mas pelo sacrifício dos inocentes. Mas, pelo que se luta? Os próprios protagonistas da guerra não o sabem, porque por trás do véu que oculta suas teorias de conflito, existe um mandato mais essencial que rompe a lógica da guerra: e é que eles mesmos foram escolhidos para o sacrifício.

Quando cai a cortina
todos os personagens “se dispersam aos quatro ventos”.

Qual é o sentido deste drama cosmogônico
representado no teatro histórico?

Dar sentido ao mundo!

Tudo me faz pensar que a Argentina, na era que se inicia, foi escolhida para uma “gesta” sacrificial de sentido. Mas, por que “sacrificial”? Porque o que o mundo necessita (para ter vida) não de alguma nova teoria intelectual de sentido (algo assim como projeto de uma nova ordem do mundo), mas de uma “molécula” geradora de sentido: fermento protogen-ético que ponha em movimento a cadeia de reações enzimáticas de uma “química social de antecipação”. E essa *gesta* já não se inscreve somente no marco histórico das revoluções sociais, políticas, econômicas, senão que pertence, em essência (e substância), à ordem sagrada da vida, inscrita na matéria do tempo histórico.

Da Geopolítica das nações

à Gen-ética social da Terra

Gigantesco processo de transmutação alquímica dos elementos, na Galáxia Humana em In-plosão. Na geografia simbólica do *Corpus* planetário, a Argentina se antecipa como recinto generativo de *Transfiguração Social do Verbo*: gênese de funções humanas ainda não nascidas.

Delicada missão da Argentina *arkhetípica*:

restabelecer a ordem sagrada do mundo.

Ordem sagrada perdida:

que já não é possível restabelecer por via de
teoria política,
revolução social,
guerra nas estrelas
e sim por

Gesta sacrificial.

Hoje, como ontem, como sempre, “gesta sacrificial” é missão espiritual de um povo: pre-destinado para ser matriz-cosmogônica do Verbo.

Mas, por que “sacrificial”?

Porque nesta *gesta*, todos os elementos, materiais e espirituais, são con-Vocados pelo mesmo Fogo: e o drama histórico fica transfigurado em *germe* de vida redimida.

Argentina *arkhetípica*

De repente, o forasteiro voltou a crescer em minha imaginação. Era o “Tapao”, o mistério, o homem de poucas palavras que inspira, na pampa, uma admiração interrogante.*

Ricardo Güiraldes, *Don Segundo Sombra*

* Podemos traduzir a alcunha “Tapao” – neste contexto – como “oculto”. (*nota da tradução*)

Argentina *arkhetípica* pre-figura um espaço generativo intermediário entre as águas que estão acima da terra e os abismos que estão abaixo do homem. Argentina emblemática: o 'branco' entre as duas faixas 'azuis' da bandeira. E quando digo "o povo", falo do Coração de um povo que foi escolhido para um nascimento providencial: *gesta* que é do Espírito e da matéria, dos vivos e dos mortos, das guerras ganhas e das revoluções perdidas.

Na gesta cosmogônica

a chave gen-ética é Nascer.

E o máximo perigo, "haver nascido".

É o destino heróico-trágico dos primogênitos (Primo-gene): desde o faraó bíblico, ao Herodes do Evangelho. A palavra de ordem da História oficial é sempre a mesma:

Guerra de extermínio!

Tenho medo... as forças elementares que se desencadeiam nesta guerra arquetípica não são todas deste mundo: não só de homens, também de deuses e demônios. O "extermínio" não é só através da tortura, da morte, do exílio... também através da sedução: por via de falsos profetas e falsas investidas... Algo fundamental mudou no mundo: havia-se rompido a primeira pedra. A Filosofia da História já não podia dar conta do sentido dos acontecimentos.

A chave simbólica é

1945.

16 de julho: "Pela primeira vez ardia um fogo cósmico sobre a Terra" (feliz expressão de Teilhard de Chardin). Algo mais que experimentação no mundo físico. Algo mais que rapto prometeico da deusa energia. Mais que de ruptura do átomo, deveríamos falar de "ruptura da forma": claro que, então, encontrar-nos-íamos sem palavra para nomear o acontecido.

1945: A Argentina entrava em uma era de precessão histórica dos equinócios. O mundo era Outro: os efeitos viriam antes das causas. A Argentina se anunciava a si-mesma como prólogo (palavra anterior) de um livro que os mensageiros do Verbo já haviam começado a escrever, antes de nascer. Esse prólogo era algo mais que uma filosofia política, uma doutrina social, um projeto nacional... Era a própria Alma do povo que, no drama cosmogônico do novo signo do tempo, vinha a oferecer-se como “enlace” operativo (molécula ponte) entre os valores do Espírito e a química da vida. Mas, foi só um prólogo: uma chuva de pétalas de rosas, caindo sobre o seio da Mãe Terra. Cedo viriam os espinhos: o pai dos falsos deuses terminaria devorando seus próprios filhos.

1945.

Núcleo de integração gen-ética

das quatro idades do mundo.

Poderosas forças convergem em um núcleo simbólico de sentido: guerras mundiais, revolução social (no eixo horizontal da História), iluminação espiritual, irrupção do demoníaco (no eixo vertical dos significados). E, ao incendiar-se a matéria (física e humana), a cruz se põe em movimento. Nova alquimia dos elementos: o mesmo Fogo que separa os que estavam unidos re-
Une os que estavam separados.

*A Lei é outra: não se trata de uma nova filosofia dos valores,
mas de novas funções da vida.*

Com a cruz em movimento (Quinto reino), o impossível se faz possível: a verdade e a traição con-vivem no Mesmo espaço de jogo do tempo (“Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me entregará”, Jo. 13:21). A Mesma força que nos dá trabalho nos tira o trabalho. Os Mesmos meios de comunicação que nos comunicam em tempo real fendem a comunicação essencial: uma tela virtual se interpõe entre a alma do povo e os seres matemáticos.

1962: Perigosa confrontação entre Estados Unidos e União Soviética, pelos foguetes em Cuba. Mas, a guerra nuclear não detona.

1989: Queda do muro de Berlim e reunificação da Alemanha. Mas o mundo continua dividido.

1998: Mundial de futebol na França. Argentina X Inglaterra: o 10 já não é Maradona, é Ortega. Grande tensão no campo e em milhões de espectadores nas tribunas e na televisão. Definição por pênaltis: chega-se ao ponto de máxima tensão. O último pênalti, aquele que definiria a passagem da equipe triunfante aos quartos de final, correspondeu a um jogador inglês: as mãos de Roa, arqueiro argentino, detêm o poderoso impacto. Impressionante explosão de júbilo por um lado, violência nas ruas e repressão policial por outro... Não estava no futebol nossa festa! A chave de sentido já não devia ser buscada no jogo, mas na energia coletiva liberada pelo jogo (a boa e a má). O espetáculo (jogo de futebol) não pôde, como tal, equilibrar a dança de forças desencadeada pelo jogo.

2000... e séculos vindouros...

Não é à projeção profética da História que aponta meu pensamento, mas à precessão gen-ética da própria História.

Voltemos à Argentina Pro-fética:

*Em meio à coreografia de sinais anunciadores
do novo signo do tempo
a Argentina se revela como
traçado in-visível que reúne
os valores da alma cósmica com a força da terra.*

Traçado que reúne: Cerimonial ardente do coração.

Talvez a lição mais importante da era técnica tenha sido haver exposto a “desconexão” entre o núcleo de sentido das coisas e a direção fatal dos acontecimentos: impossibilidade de retorno à fonte. Todo o esforço do século parece haver-se orientado para resolver este dilema cosmogônico: desde a teoria da ciência, a filosofia da História, a metafísica do ser e do nada, a teologia da libertação... Mas, nem a teoria da relatividade, o marxismo, a mensagem tecnológica de salvação... nenhuma destas doutrinas liberadoras pôde restabelecer a ponte (fraturada) entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

No fim do século, não só tropeçamos com a insuficiência das teorias para resolver os problemas do homem, mas com os limites

do homem para aceder à incomensurável potencialidade da *Theoria*.

A resposta a esta radical crise de sentido

já não viria através da dialética do tempo histórico,

mas pela ruptura de simetria da imagem do mundo.

A casa que habitávamos ficou sem sustento, o céu sem estrelas, a terra desolada e vazia... De repente, a História ficou sem tempo. O cosmos, sem ninguém que o habite.

O Cruzeiro do Sul

marca o rumo para outras estrelas:

novas configurações de sentido.

Con-stella!: acontecimento significativo (paradigmático, se quisermos chamá-lo assim) de precessão de todos os signos da História.

A *Argentina* já não só olha em direção ao Cruzeiro do Sul, senão que é olhada por ele: e fica con-stelada. Seu lugar no mundo já não pertence somente à geografia política e social da Terra, senão que, por transposição analógica de missão, fica in-vestida de *função* providencial na história sagrada do Universo. O *olhar* da Estrela é fatal: para o homem eleito, o povo eleito, a terra eleita. Olhar que desintegra o antigo corpo e ilumina o novo templo; “catástrofe” não só na ordem moral; também na material, na biológica, na molecular.

Acontecimento paradigmático
da era que se inicia:

In-flexão da onda de tempo.

Esse acontecimento *inicial* passou inadvertido aos construtores das megabombas do tempo: ficaram des-lumbrados (cegos) pelo poder da técnica. Depois de Hiroshima, depois de Sakharov, continuaram construindo bombas: a vanguarda política, social,

tecnológica, também a vanguarda do movimento de novas religiões... todas estas vanguardas, deslumbradas pelo reflexo do chamado novo paradigma, atravessaram velozmente o espaço recém aberto, mas com tempo errado. A vanguarda mística deu o primeiro sinal desta “In-flexão” da onda do tempo, mas os construtores da catedral do futuro não puderam entender qual era o lugar deste sinal na obra (“pedra rejeitada pelos edificadores...”, Mc. 12:10).

No drama cosmogônico do novo signo do tempo
a vanguarda profética

avança, retirando-se.

É Outra sua linguagem: não deixa pegadas nas areias do tempo.
Sua passagem pelo mundo é marcada por traços magnéticos nas moléculas da vida: herança gen-ética.

Linguagem Cosmogônica

Geometria Simbólica do Drama da História

*O véu se rasgou, vimos a luz e
querem que voltemos às trevas.*

Simón Bolívar, *Carta de Jamaica, 1815*

No horizonte de sentido do homem,
a Argentina Pro-fética

traça *enigmático signo*:

geometria simbólica
entre o fim da história
e o prelúdio do canto dos não nascidos...

Linguagem cosmogônica: constelação de signos,
transfiguração de forças,
Reversibilidade de Valores.

Diálogo secreto entre as trevas e a luz:

Martín Fierro em contraponto com o Moreno -

*...sos por juera tinieblas
y por dentro claridá.*

(és por fora trevas e por dentro, claridade)

A Volta, canto XXX

Desde Nietzsche, os filósofos – que souberam captar os sinais de fechamento do atual ciclo cosmogônico e anunciar, de um ou de outro modo, aquilo que eles chamaram “fim da História” – ficaram sem argumento para desvelar o *primeiro* resplendor, antes do amanhecer.

*Uma vez mais,
esse primeiro resplendor escapava ao olhar
dos príncipes, dos sacerdotes, escribas
e doutores da lei...*

e se revelava aos peregrinos, antes de nascer.

Mas, por que a Argentina como sinal do céu? Porque sempre,
como prelúdio dessas “catástrofes cosmogônicas”,

o céu A-nuncia

uma terra por-nascer.
Disse Yavé a Abraão:

*“Sai de tua terra
de tua parentela
da casa de teu pai
para a terra que eu te indicarei”.*

Gên. 12:1

Nem sempre esta *terra* prometida pelo céu está sobre a Terra. Nem devemos supor que a onda profética concebida na Argentina, ao toque do olhar da Estrela, deva fecundar somente terra argentina.

O que quero dizer – porque assim o sinto – é que toda Ideia progenitora necessita de um solo-mãe para ser-nascida.

Argentina con-Stellada (*cum-Stella*)
é Argentina *In-vestida* (com o manto da Mãe):

A “onda pro-fética” já não é só Ideia:
é *Ideia-Mãe*.

Cenário de transfiguração social do Verbo.

Onda Primogen-ética que re-Une, de entre os vivos e os mortos, os peregrinos antes de nascer.

.....

E houve um re-conhecimento

antes de nascer...

*Tal vez en el corazón
le tocó un santo bendito
a un gaucho, que pegó el grito
y dijo: "Cruz no consiente
que se cometa el delito
de matar así un valiente!".*

*Y ahí no más se me apareó
dentrándole a la partida.**

José Hernández, *Martín Fierro*, IX

* "Talvez um santo bendito tenha tocado o coração de um gaúcho que gritou e disse: Cruz não consente que se cometa o delito de matar assim um valente. E em seguida se juntou a mim, entrando na luta".

Toque delicado que rompe nosso sonho!
“Som” predestinal que convoca o povo disperso no deserto:

havíamos-nos reconhecido...

Vínhamos de diferentes lugares,
com diferentes vozes e diferentes vestes...

Todos havíamos deixado
nossa terra
nossa parentela
e a casa de nossos pais...

Vínhamos para nascer...

Onde estávamos?
Não o sei.

Mais que um lugar:
era um estado da alma
era um fogo que nos iluminava com
a Mesma chama.

Soube que era
um povo,
uma estirpe,
uma terra,
uma ideia,
uma missão,
uma obra.

Qual era essa missão?
Vínhamos para resgatar
preciosos vestígios
de uma língua esquecida.

Há uma Argentina desaparecida:

A dos pais fundadores e das mães inspiradoras.
A do segredo, do rito, do mistério dos centros espirituais da terra.
A da poesia que esteve a ponto de encarnar na História.
A da coruja que remontou voo, antes do amanhecer.

É verdade que não podemos voltar atrás no curso do tempo nem recuperar o código de sentido das coisas, mas sim, podemos dispor-nos a escutar o

canto dos peregrinos antes de nascer.

Quando desmorona (por in-plosão de sentido) a antiga imagem do mundo, quando se oculta (“por esquecimento do ser”) o código simbólico das funções da vida, quando se desconectam (por colapso ultraquímico de neurotransmissores) os circuitos que sustentavam a ordem lógico-sensitiva da comunicação humana... encontramos-nos ante um vazio existencial tão profundo que, se por um lado nos leva à morte térmica por falta de sentido, por outro nos traz à escuta de uma esfera ultrasensorial completamente nova: sinais de advento de funções, antes de nascer.

A primeira destas protofunções
é a linguagem do homem cósmico antes de nascer:

ressonância por similitude.

Comunicação anímica por interpenetração de estados:

pre-sentimos o advento da mensagem
antes da chegada do mensageiro...

E ao chegar o mensageiro,
re-conhecemo-nos, *antes* de conhecer-nos.

Argentina Pro-fética: enquanto ponto planetário, onde se cruzam os peregrinos que vão com os viajantes que voltam; fronteira simbólica entre os pais desaparecidos e os filhos por nascer; zona de passagem entre o imperativo tecnológico e a mística do coração... Essa Argentina de

advento sacrificial

vibra (por ressonância analógica) em *um* dos focos da elipse espiritual-social, pro-ferida pelo novo Sol.

O Cosmos vivo não é como o imaginava o homem matemático. O grande Kepler havia descoberto que os planetas se movem seguindo uma elipse, junto com o Sol, e que nesse movimento varrem áreas iguais, em tempos iguais. Anos mais tarde, em seu livro *As Harmonias do Mundo*, descreve a terceira lei ou lei harmônica do movimento entre os vários planetas do sistema solar, proporcionalidade que, de alguma maneira, evoca a “harmonia das esferas” de Pitágoras. Mas a mente matemática (cosmológica) não pôde descobrir a função, o mistério do “outro foco” da elipse cosmogônica.

Uma *nota-Mãe* rasga o véu da fecunda Noite...

E os peregrinos, com diferentes vozes, *en-toam*
um Mesmo canto:

é o ritmo, a medida e a proporção marcados pela órbita
do Caminho do homem, antes de nascer.

Antes que Johannes Kepler, desafiando o paradigma das órbitas circulares de Platão, descobrisse as leis do movimento planetário; *antes* que milhares de sóis brilhassem no céu; *antes* que os planetas girassem em órbitas elípticas ao redor do Sol... *antes* que existisse espaço, tempo, matéria... já vibrava na alma do Mundo

o primigênio *tom* da Lei.

Desde a democracia da Atenas do século V a.C., desde a “era” de Péricles e as “leis” de Platão, passando pela *lex romana*, até as “constituições” das modernas nações-Estado, o logos foi a nota dominante da organização política dos povos. Já se passaram mais de cinquenta anos desde a Declaração Universal de Direitos Humanos: e o estado de direito, a democracia política, “o império da lei” que proclamara Karl Popper como único instrumento adequado para defender-nos da ditadura... Nenhuma das “formas” do logos da lei pôde deter a onda de barbárie que comove o mundo moderno.

E a Argentina?

Desde as leis de maio de 1810, passando pela Constituição de 1953, “terceira posição”, revoluções políticas, golpes militares – transgressores do “império da lei”... desaparecidos sem distinção de ideologia, em aras do “equilíbrio da lei”: longo e penoso caminho, tentando remontar (sem conseguir) a empinada costa da dialética da História.

O que aconteceu, não só na Argentina, mas na *Politeia* (García Venturini) do Ocidente e do mundo (desde os gregos)? Será que o logos da lei já deu tudo o que podia dar e as formas ideais de organização política já estão cristalizadas (fósseis), sem alma, querendo sobreviver à custa da degradação crescente dos valores fundamentais? Ou, pelo contrário, será porque ainda não podemos dar “corpo” sócio-político ao *Verbo* da lei, o qual ressoa nos altos cumes da Vida?

A chave para o porvir do homem

já não é o *logos* da lei

mas o *tom* da lei.

Os peregrinos (antes de nascer) *en-toam* as notas-chave de “resonância” entre os valores do homem e a Nota “chave” da Lei. E, quando prestamos ouvido a esta nota-Mãe, conseguimos escutar a palavra

Justiça.

No primeiro Congresso Nacional de Filosofia (Mendoza, 1949), Perón, dirigindo-se aos senhores congressistas, define seu pensamento em termos de filosofia política: “Nossa ação de governo”, diz, “não representa um partido político, mas um grande movimento nacional, com uma doutrina própria, nova no campo político mundial...”. E sintetiza sociologicamente a ideia como “terceira posição”, “harmonia entre o progresso material e os valores espirituais”, “sentido de plenitude da existência”. Pouco tempo depois, em sua mensagem de 1º de maio de 1952, assenta esta “terceira posição” como pedra fundamental de uma “filosofia que conforma uma doutrina e uma teoria: no aspecto político, no aspecto social e no aspecto econômico. E é substancialmente diferente do individualismo capitalista e do coletivismo, em qualquer de suas formas... doutrina que já não é propriedade absoluta de Perón, nem do peronismo, nem sequer dos

argentinos!... Pertence a todos os homens e a todos os povos que quiserem utilizá-la como caminho de liberação!” (Juan Perón, *La Nueva Argentina*, Ediciones Argentinas, 1973).

Desde o começo do século XX, a ideia de fogo de justiça social, com diferentes matizes ideológicos, incendiou a matéria humana em diferentes povos da Terra: Lenin e a revolução de outubro na Rússia; Mao, na China; Gandhi, na Índia; Che Guevara, em Cuba; Nelson Mandela, na África do Sul... Grandes conquistas sociais: leis trabalhistas, melhor distribuição da riqueza, segurança social... a um custo muito alto: extermínio em massa, em nome de uma ideologia dominante, doutrina de segurança nacional, economia de desamparo... Ao finalizar o século, não podemos menos que concluir – em analogia com Octavio Paz – que a ideia mãe da Justiça social não encarnou na História.

O drama de nosso tempo
é ter que reconhecer
que não podemos continuar avançando no terreno
da justiça social
porque chegamos
a uma fronteira crítica,
onde a própria “Ideia” de justiça
chega a seu fim.

Jean Baudrillard, um dos sociólogos mais lúcidos de nossa época, postula como traço característico da sociedade contemporânea, a “corrupção dos signos”. Atravessada esta fronteira de “corrupção”, de “fim do social” (em termos de Baudrillard), já se torna impossível “ir contra a corrente da água” (como seguramente teria querido Leopoldo Marechal).

Já não podemos voltar

ao *Manifesto* de Marx e Engels,
ao princípio de justiça social de Perón e Eva Perón,
aos princípios básicos do gandhismo,
à revolução cultural de Mao,
ao humanismo revolucionário do Che.

O signo do tempo é outro:

Já não estamos sob o signo da
Ideia da lei.

Mas sob o signo da
Mãe da lei.

Ideia da lei:

o *logos* do entendimento humano,
o *contrato social*,
a *ideologia* política, teoria do Estado,
a *doutrina* religiosa, de tradutores e intérpretes,
...funções *paternais* da lei...

Esta ideia-logos da lei excluiu a justiça-substância da lei. Durante milênios, a “lógica” da lei, fundada na dialética do bem e do mal, expulsou para os abismos subterrâneos toda a matéria humana irredenta, que não se encaixava nas concepções racionais do mundo. Mas, ao final de um grande ciclo cosmogônico, aconteceu que o mundo não era como o havíamos imaginado: rompeu-se o molde teórico que servia de muralha de contenção e os obscuros poderes do inframundo irromperam no, até então, habitável mundo do homem. E digo “habitável” porque hoje, o mundo já não está habitado somente por seres humanos e sim, por forças demoníacas que, disfarçadas de homens, vêm disputar com o homem o domínio da Terra.

Outra é a natureza da guerra: sob diferentes “disfarces” enfrentamo-nos hoje com uma insuportável presença do Mal. Thomas Berry, notável filósofo da cultura norteamericana, havia apontado a “confrontação com o demoníaco” como a fase mais dramática da atual guerra de mundos, chegando a advertir que “o planeta inteiro poderia tornar-se inabitável para as formas mais altas de vida” (citado por Valerio Ortolani em *Personalidad Ecológica*, México, 1986).

.....

De qualquer maneira, esta consciência do predomínio unilateral das *funções ideais* da lei (logos da lei)

não nos permite aceder, por via puramente intelectual, às *funções maternais* da lei (*providência* da lei):

porque essa
Mãe da lei,

o *sopro* inspirador da alma,
o *fogo sagrado* da vida,
o *sal* da terra,
a *providência* do céu

... essas funções *maternais* da lei já foram rejeitadas (antes de nascer) pelos construtores da sociedade política: teóricos da “ideia” da lei.

Já não podemos reconstruir a integralidade da

Ideia - Mãe

através de alguma outra lei, doutrina ou código da lei:

e sim, por *gestação providencial* da própria Lei.

Começamos a ouvir o som de funções-mãe.

Justiça-substância: gênese por transfiguração
do grande no pequeno.

Verbo-trabalho: força primordial da vida.

Trabalho

No seio da Mãe, nós os peregrinos (antes de nascer) nos reconhecemos no mesmo *Canto do Trabalho* de todos os reinos.

Fogo generativo da vida:

o Canto **do** trabalho
reúne todos os elementos
em um mesmo Corpo.

A Humanidade entrou em uma fase perigosa de seu projeto histórico: já não o perigo de perder a alma em aras de conquistar o mundo, mas o perigo – ainda maior – de perder o corpo na veloz corrida à procura de um mundo que não existe.

Ficamos sem Corpo!

Não é o HIV, a corrupção política, o narcotráfico, a violência social, o tráfico de crianças, o capitalismo selvagem, as empresas multinacionais, o fundamentalismo religioso, os meios de

comunicação de massa... Não é a “presença” destes poderes o maior fator de risco para os dias vindouros:

O maior perigo que ameaça a vida do homem
é a “ausência” de Corpo.

Nem o capitalismo, nem o socialismo, nem as igrejas... nenhuma destas organizações humanas – que de uma ou de outra maneira se proclamam “universalistas” e portadoras de “mensagens de salvação” – pôde salvar a unidade do Corpo da Humanidade como organismo solidário e ponte de circulação da vida entre o céu e a terra.

O antigo corpo (corpo fragmentado),
filho da divisão humanística do trabalho,
não pode resistir ao embate
das poderosas forças da vida.

“Porém, pode acaso o homem nascer, sendo velho?”

Os peregrinos (antes de nascer)
são
um Corpo, antes de nascer.

Corpo inaugural, Canto cosmogônico, Matriz generativa da vida antes da partição das águas, Lei primeira: onde os irmãos *são* Um; onde “os trabalhos e os dias” *são* Um.

Pulso originário da grande corrente
que circula entre o céu e a terra:

Não é um canto ao trabalho.
É o Canto **do** trabalho.

É a re-sonância do Trabalho na *Anima Mundi*: ritmo do Verbo na matéria do Homem.

Dimensão ainda desconhecida do Trabalho:
Poder criador do Verbo.

Energia de *fusão*:
que dá *vida*

a funções não nascidas da vida.

Mas, a Vida não é Ideia abstrata. Não é Ideia da lei, da justiça, do trabalho.

A Vida
nasce
do Sacrifício da ideia,
da Descida dos ideais

Nasce
da Negação dos peregrinos (antes de nascer)
a permanecer na bem aventurança dos não nascidos.

Nasce
da *Ab-negatio*: gestação sacrificial.

Nasce
do Canto que dá à luz:
canto dos mensageiros do Verbo
na liturgia cosmogônica
do eterno Retorno.

Canto genesíaco: Proto-*gene*. Sagrada geração do mundo.

Mysterium de transfiguração

Argentina secreta

Olhos abertos não são completamente vigília nem são toda a vigília.

Vigília, não és tudo. Existe algo que é mais desperto que tu: a Mística.

Macedonio Fernández, *Nem Toda Vigília é a dos Olhos Abertos*

Tudo isto nós o pre-sentíamos no princípio, antes de nascer: nós o sabíamos desde o seio da Mãe. Nós o sabíamos desde a alegria de estarmos, os irmãos, unidos em Um. Nós o sabíamos, *antes* que caísse a escura noite... Mas agora, a partir da existência, a partir das vestes da vida, a partir da claridade da luz do dia, não vejo nada, não sei nada: o mundo me aparece como ilusório, sem vida...

Estranho sentimento desde as águas da vida:

a onda pro-fética ressoando silenciosamente
nas moléculas de minha própria vida me
de-volve o pre-sentimento do

Sentido da Obra.

Mas, quem volta? Quem *são* os que voltam? “Voltarei como chuva de rosas”, diz Santa Teresinha de Lisieux. “Voltarei e serei milhões”, exclama Eva Perón. E, uma vez mais, a pergunta: Quem *são* aqueles que voltam?

É a vanguarda cosmogônica.
São os que foram desde o ser
e fizeram promessa de voltar.

.....

A bíblia gaúcha* recorda, em simbólico canto, a promessa secreta das almas nobres, ao dispersarem-se pelos incertos caminhos da História.

*Después, a los cuatro vientos
los cuatro se dirigieron;
una promesa se hicieron*

* Na literatura argentina, o livro *Martín Fierro* (José Hernández) pode ser considerado como uma bíblia do povo da pampa gaúcha. (*nota da tradução*)

*que todos debían cumplir;
mas no la puedo decir
pues secreto prometieron.**

É a vanguarda dos mensageiros do Verbo. É a promessa (Pro-gene) que “todos” deviam cumprir. Não vêm sós: vêm como corpo, como estirpe, como molécula catalítica de

Transfiguração Social do Verbo

Talvez, o mundo atual deva continuar funcionando, com energia degradada. Talvez, possa continuar vivendo com “enfermidade de adaptação”: mais dívida externa, mais tecnologia, mais desemprego, mais violência social, mais espécies em extinção, mais desesperança...

Talvez, o corpo físico possa continuar funcionando, com algum órgão menos e alguma prótese mais... E os corpos sociais, cada vez mais gigantescos, também poderão continuar vivendo à custa da morte da alma. Não é a primeira vez que ocorrem estas coisas. E não será a última vez que o homem sobre a Terra não possa superar sua desventura... O mundo mudou, tem outro rosto, talvez outro destino... O que vislumbramos, o que pressentimos quando nos ilumina o olhar do Cruzeiro do Sul?

Para além do destino histórico da Argentina, começamos a vislumbrar nela, sinais de destino cosmogônico: início de era solar, confrontação de poderes arquetípicos. Sinais que já não são emitidos pelos homens da Terra, mas pelas estrelas do céu. Hoje, como ontem, como sempre, Um desses sinais marca o rumo, a direção, o sentido de todos os demais:

Nascimento do Primo-gene.

Luz que não pode deixar de ser vista.
Chispa que incendeia a pradaria.

*Depois, aos quatro ventos/ os quatro se dirigiram;/ uma promessa fizeram/ que todos deviam cumprir;/ mas não posso dizê-la/ pois segredo prometeram (Martín Fierro – José Hernández).

*Já não são as pegadas dos peregrinos do tempo
as que marcam o caminho da História...*

*É a Estrela que guia os magos
ao lugar do recém nascido...*

*É a Voz de lamentação e o gemido grande
das vozes da terra:
"É Raquel que chora seus filhos
e recusa ser consolada, porque eles não existem".*

Os personagens do drama histórico são diferentes, outro é o signo do tempo, outras as águas da vida: mas a chave simbólica da gesta cosmogônica é a Mesma.

Outra é a vestidura do Primo-gene: In-vestidura.

Outros são os rostos de Herodes: sedutores ou demoníacos.

Mas a palavra de ordem da sombra que define a guerra arquetípica é sempre a mesma:

aniquilar o recém nascido.

Aqui, entramos em um terreno desconhecido, onde não temos carta de navegação nem teoria da guerra. Terreno onde fracassaram as vanguardas históricas, já sejam militares, políticas, sociais. Abismo que devora os sonhos da alma e submerge no mundo subterrâneo os castelos de pedra, construídos sobre a areia. E então?

Na hora da experiência extrema,
na fronteira crítica de confrontação com o demoníaco,

quando os magos do faraó avançam perigosamente
sobre a alma do povo

e a espada de Herodes ameaça aniquilar o recém
nascido,

...antes de chegar ao ponto de não retorno...

as forças da vida mudam de signo
e a vanguarda *avança, retirando-se...*

Avança, retirando-se para o Deserto,
para o Princípio da Criação,
a rocha do Horeb:
para fazer surgir dali, água viva e dar de beber ao povo.

.....

Mas, onde está esta vanguarda?
Não está, retirou-se para o Deserto!
Só fica a pegada pro-fética da Retirada.

Esta “Onda pro-fética”,
vibrando como *Som* in-audível,
“no meio”
da torrente de vozes audíveis do mundo técnico,
é o sinal A-nunciador do Verbo
con-Vocando para um novo pacto com a Vida.

**A casa que habitávamos
ficou sem sustento**

Ruptura de simetria da imagem do mundo. Fim da História?

Fim dos intermediários

“Produce your own dream”

(Realize seu próprio sonho)

John Lennon

Fim das interpretações

Fim das funções degradadas da vida

Fim do ópio dos povos...

É, acaso, o fim do homem? A tradição espiritual nos diz que sempre houve “intermediários” entre Deus e o homem. Quem é o divino Mensageiro que hoje advém ao fim da História?

Em nosso tempo de fratura do átomo material,

o verdadeiro “Mediador”

é o Verbo ressoando como “Meio”

nas próprias moléculas da vida.

Mas a mente ilustrada pergunta: Qual é a mensagem? E a “ressonância” responde: “O meio é a mensagem” (parafrazeando analogicamente o que foi postulado por Marshall McLuhan, referindo-se aos meios eletrônicos).

Esta “ressonância do Verbo na matéria humana”

marca um ponto de “Catástrofe” na imagem do mundo:
a casa do homem fica “sem sustento”.

Transição de fase:

do inconsciente coletivo (antigo código genético)

para o novo *meio* divino-humano.

Essa “transição de fase” de um meio psicológico, sociológico, biotecnológico, para um meio cosmológico, esse “salto gen-ético” de um organismo humano apropriado para “possuir e ocupar a terra” para uma fisiologia de antecipação que faça possível ouvir a Voz das estrelas... este cruzamento da barreira cósmica – que hoje nos retém prisioneiros em marcos estreitos da vida – nós já o estamos realizando em função do

sacrifício coletivo da Humanidade
em uma gigantesca liturgia
de *Transfiguração Social do Verbo*.

Sem dar-nos conta, somos prot-agonistas da Ascensão da Humanidade em Corpo. As novas funções humanas “em ascensão” apontam *já* para o novo lugar do homem no mundo. Qual é este novo lugar?

*Talvez, nosso verdadeiro lar
já não esteja sobre a Terra.*

Mas nosso coração não é alheio à dor da Terra...

*Começamos a escutar o ritmo alternado
de um novo Corpo.*

“Fim da História” *é*, ao mesmo tempo, “fim” do corpo fragmentado e *início* de funções de ressonância: funções de Corpo unificado.

Qual é a função da Argentina nesta gigantesca metamorfose do Corpo planetário?

Junto ao sacrifício dos demais povos da Terra,
a Argentina participa na silenciosa gestação
de uma *matéria prima* para a Obra vindoura.

“Matéria prima da Obra”: trabalho, sacrifício, renúncia de milhões de seres humanos cujos nomes a História oficial não registra. Ultraelemento que, através do fogo do sacrifício, “ascende” a níveis de mais alta energia. Oferenda da natureza humana na alquimia mística de

Transfiguração Social do Verbo.

Signo de advento da era solar da Humanidade: nova estrutura simbólica, criadora de sentido.

Os antigos símbolos e os modernos mitos perderam seu poder numinoso e já não temos ouvido para ouvir a palavra condutora dos arquétipos celestes.

A ideia-símbolo
de *Transfiguração Social do Verbo*
aparece-nos como resplendor originário

cujo potencial numinoso absorve a energia residual
dos símbolos que configuram
o antigo signo do tempo.

Novo Código Gen-ético

Argentina – Corpo

*Eu acredito que nossa América – e nela
nossa Argentina – seja a terra
predestinada para servir de veículo
político para a realização de um novo
ideal cristão.*

Ricardo Rojas, *El Cristo Invisible*

Iniciação espiritual da Humanidade em Corpo.

Na geometria simbólica do espaço recém aberto, divisamos quatro focos ativos de proferição da Mensagem (os quatro rios do Paraíso), um para cada um dos quatro pontos cardeais e um potencial, no Centro.

Argentina pro-fética
fala

a partir da pedra de ângulo que olha para o sudeste.

Cada um destes “focos” (e destes “ângulos”) é um lugar, um centro de forças, um estado da matéria, na fisiologia orgânica de um Corpo por nascer. E em cada um destes “ângulos” do Mundo, os peregrinos, antes de nascer, com diferentes vozes e diferentes tons, entoam a nota-chave de

Transfiguração Social do Verbo.

Aqui, já não se trata de ideia política, filosofia social, doutrina religiosa: trata-se de um novo estado da matéria humana, energia radiante do coração, ao pôr-se em contato com o Verbo.

Energia de fusão

A tecnologia moderna se adiantou à fisiologia humana dos antigos corpos. Com as atuais energias disponíveis no mundo do homem: energia da inteligência cerebral, força do coração mecânico, solidariedade social (incluídos a energia atômica, o poder tecnológico, a energia de informação)... Com todo este potencial humano, já fomos demasiadamente longe, e podemos ir mais longe ainda, mas não podemos chegar mais perto que o perto: “Caim, onde está Abel, teu irmão?”.

Com a energia do antigo código genético

já não podemos vencer os gigantes
que tomaram posse do mundo do homem.

Estamos lutando com baixa energia e com tecnologia fisiológica antiga: sistema imunológico fraco, frente a poderosos vírus e bactérias assassinas.

Já não é o homem que pode subir ao monte
em busca de um novo pacto com o Verbo;

é o Verbo
que irrompe na morada do homem
antes que o homem suba ao monte
para selar seu pacto com o Verbo.

Esta irrupção “catastrófica” da onda pro-fética nos circuitos atômicos da matéria humana é a nota-chave de

“ressonância gen-ética”

que *abre* o caminho

para a grande obra de *Transfiguração Social do Verbo*.

Nota-chave, ritmo de Reversibilidade de Valores:

Nova vanguarda que, em ressonância com o Verbo,
avança, retirando-se.

A nova chave de “ressonância gen-ética” não nega as leis universais descobertas pela ciência nem as leis sociais que governam a conduta civilizada do homem, senão que opera como núcleo simbólico de sentido que “eleva” a própria matéria humana a dimensões superiores da vida.

Dito em outros termos e parafraseando o Evangelho: a vanguarda gen-ética “não vem para abolir a lei, mas para consumá-la” (Mt. 5:17).

*A Lei,
a Justiça,
o Trabalho,*

essas funções que a cultura materialista vigente
mantém em níveis muito baixos de sentido,
são “elevadas” pela poderosa corrente de
ressonância gen-ética a

ferramentas de desenvolvimento humano
na grande obra de Transfiguração do Verbo.

.....

Mas, o que é a Obra?

É o canto dos peregrinos antes de nascer!

Essa Obra e esse Canto não são reconhecíveis no horizonte do atual mundo técnico porque

o poder da obra do homem
oculta o rosto do Verbo.

A luminosidade do Canto não é reconhecível, devido ao forte avanço do sombrio. O *I Ching* diria que o céu se retira, ante o Ascenso da montanha.

33. Tun

Em cima o Criativo, o Céu.

Embaixo o Aquietamento, a Montanha.

Certamente não é qualquer retirada. Não é a fuga do covarde, ante qualquer perigo. Não é a fuga daquele que, ante o perigo de perder a vida, procura sua salvação a qualquer preço. Trata-se de uma retirada de outra natureza: a Retirada do “Guerreiro sagrado”, ante um poder hostil que, “favorecido pelo tempo, tomou a dianteira”. A Retirada do “nobre” que, “ante o vulgo que vem subindo, retira-se dele (sem odiá-lo), em direção a seu foro interno”.

O Evangelho o diz de outro modo: “Aquele que quiser salvar sua vida a perderá. E aquele que perder sua vida por mim a encontrará” (Mt. 16:25). É o movimento In-verso da grande corrente da Vida: chave de Reversibilidade de Valores, estratégia da vanguarda genética (que *avança, retirando-se*).

Retirada ativa dos mensageiros do Verbo, em função de custódia
do poder primigênio do Verbo.

O novo Signo do tempo,
a Onda pro-fética ressoando nas moléculas da vida,
o Canto dos peregrinos antes de nascer

revelam, ocultando,

a dupla face da Força de criação
e destruição
dos mundos.

**Detenho-me para ser...
e voltar a perguntar**

**Pergunto pelo *Chakra* da Argentina
no mundo por nascer**

Pergunto pelos “trabalhos e os dias”...

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?
Mateus 12:48

Nem tudo pode ser explicado através de relações de parentesco, evolução, leis do sangue, combinações do amor, da vida e da morte. De repente, interrompe-se a continuidade do tempo histórico, desaparecem os vestígios de civilizações florescentes e a grande corrente da vida submerge em escura noite, cruza vales, montanhas e mares; e se lança com renovada força em busca de outro solo, outro povo, outros corpos, nos quais selar um novo pacto com a verdade, a justiça, o trabalho. Um novo germe de vida nasceu no mundo de hoje. Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?... Não é fácil responder.

Antes que a Argentina fosse...
toda uma dança de forças, guerras de mundos, epopeias de guerreiros sagrados, mística de mensageiros do Verbo, coreografia de signos entre o Criativo e o Aquietamento, o Céu e a Montanha...
toda esta misteriosa rota da *Caminhada do deus sobre o mundo* (Rodolfo Kusch) já estava traçada, em grandes linhas (*In Principio*), nas grandes cosmogonias dos povos mais sábios da Terra.

Mas hoje...
nesta época de Retirada de deuses, santos e heróis, desde esta região austral do planeta, desde este tempo de “homem à intempérie”, desde o desamparo cósmico de uma Humanidade que perdeu as pegadas do sentido da História, começamos a escutar o “Canto dos peregrinos antes de nascer”, ressoando no polo austral do mundo:

Argentina por-nascer.

Como caracterizar este “ponto terrestre”? É acaso um lugar geográfico, físico, magnético, telúrico... algo assim como um daqueles lugares marcados pelo destino, onde os conquistadores se detinham para fundar suas cidades e os peregrinos sábios para edificar seus templos? Ao dizer “ponto terrestre”, quero significar que “não é” *ideal* (para construir ali a perfeita comunidade dos

irmãos). Tampouco *material* (pedra sobre a qual edificar um novo templo, uma nova igreja, uma nova organização social).

“Ponto terrestre” é ideia-símbolo;
escapa às determinações da linguagem conceitual:
ponto de “fixação reversível” da grande corrente
da vida cósmica
no seio de uma Terra que se dispõe
a nutrir, desde as raízes da “vida terrestre”,
o desenvolvimento da grande obra de

Transfiguração Social do Verbo.

Certamente, não é a Argentina o único lugar do planeta onde se esteja dando essa precipitação do fogo Solar na entranha matricial da Terra, de cujo abraço simbólico-generativo esteja nascendo o Filho do homem. Mas é a partir da Argentina, guiados pela Constelação do Sul, de onde podemos participar da fase mística deste divino nascimento:

*gestação que passa inadvertida
ao olhar do poder político,
à inteligência do homem ilustrado,
à sensibilidade da sociedade massificada.*

.....

A tensão intelectual para captar o pano de fundo do novo fenômeno humano havia sido demasiadamente grande... e eram muitas as coisas que ficavam por Dizer. Era necessário tomar um descanso – inter-lúdio; sair do teatro da Argentina cotidiana, do fluxo da informação e do espetáculo, para tomar um pouco de ar fresco, passear pelas ruas silenciosas, escutar o rumor de longínquas estrelas. E, no silêncio da cidade adormecida, volta a mim

uma Argentina *Anterior*,
uma Argentina *Pro-fética*,
uma Argentina *Destino*:

Lugar do Planeta para um segundo nascimento
e também para morrer antes do tempo.

Lugar do Mundo, onde a alma do povo
espera o corpo por-nascer.

Terra de Fogo: onde os desaparecidos
marcam a consciência dos aparecidos.

Argentina Providência:

antecipa (provê) forças espirituais, bens intrínsecos, valores sociais... como “matéria prima” indispensável para a grande obra de transmutação alquímica, que realiza junto aos demais povos do planeta. Providência que não só desce do céu como “dons providenciais”, senão que também sobe da terra como “matéria sacrificial”.

É hora de outro destino para o homem...

Enquanto isso, o engenheiro Valdez perscrutava o semblante de Schultze com agudos olhos de hipnotizador.

— Gostaria de saber – inquiriu, por fim – se o super-homem criollo que o senhor inventou só terá cinco sentidos. [...]*

Schultze lhe dirigiu um novo olhar de censura. Depois, encarando Valdez, disse-lhe:

— Em primeiro lugar, eu não inventei o Neocriollo. O Neocriollo será o produto material das forças astrológicas que regem este país. Em segundo lugar, o Neocriollo não terá os cinco sentidos conhecidos no Ocidente, mas os onze do Oriente.*

Leopoldo Marechal, *Adán Buenosayres*

* O termo *criollo* (que dá lugar ao termo *neocriollo*) diz respeito ao homem da terra, o homem símbolo da Argentina. (*nota da tradução*)

não lutamos só com o homem;

**a filosofia da história
retorna como química social.**

em cima o fogo
embaixo a água

A Onda pro-fética
ilumina um teatro de sombras.

O *Tornado* reúne os elementos do Céu, da Terra, do Homem.

Antes que possamos interpretar o acontecido, o próprio acontecimento traçou a geometria simbólica das funções por-nascer. Isto é o que está ocorrendo todos os dias, a cada instante, diante de nossos olhos, sem que a visão ordinária nos permita vê-lo. Acaso existe outro olhar? Sim. Quando os investigadores em Física quântica classificam cuidadosamente as partículas que descobriram, caracterizando cada uma delas com seus respectivos números quânticos – mas sem ver qual a relação que possa haver entre elas – alguém que *veja* fica deslumbrado pela “simetria” que reúne, sob um mesmo signo, os acontecimentos mais díspares: revolução do método ou transfiguração do homem?

Começamos a descobrir a “simetria orgânica” da História, a configuração gen-ética da matéria social, as matrizes cosmogônicas de organização do mundo vindouro. De repente, o que parecia firmemente unido se desintegra, dispersa-se como o pó que o vento levanta. E o que nos aparecia como separado – o que tem a ver a luz com a treva? – se revela a nós como unido: com extraordinária beleza.

Quem reúne os elementos antagônicos
na dança cosmogônica dos mundos?

Certamente, não o homem ilustrado
e sim, a força do Tornado.

A “força do Tornado” é a forma operativa da Revelação espiritual que, em nosso tempo, antecipa-se à revolução social.

Talvez, desde aqui,

desde a Noite austral,

iluminados por outras Estrelas,

*possamos **ver** o que se oculta ao pensar.*

Ainda que este “ver” não seja fácil de Dizer.

A leitura dos acontecimentos já não é realizada pela inteligência ilustrada, mas pelo Corpo que fica im-plícito na mensagem simbólica do Tornado.

Enquanto dou letra a estas reflexões (julho de 1998), chega-me a notícia da comoção produzida nos Estados Unidos pela violenta irrupção de um homem armado no Capitólio – um dos recintos da democracia mais custodiados do mundo – o qual, após disparar ao léu, matou dois policiais e feriu gravemente uma jovem turista, em momentos nos quais o edifício era visitado por dezenas de turistas e a Câmara de Representantes discutia sobre o problema da violência social, no país mais poderoso da Terra.

Fato policial, um louco, um fundamentalista? Ou um acontecimento simbólico de caráter catastrófico – que se precipita *antes* das causas e *antes* que os olhos eletrônicos possam perceber sua perigosa presença? Antes que a inteligência possa investigar as causas do acontecimento (supondo que pudessem existir tais causas), e antes que os sistemas de segurança possam descobrir sistemas de segurança mais eficientes, a própria velocidade do Tornado anulou todos os sistemas de alarme, racionais e tecnológicos, que pretendiam assegurar a segurança do sistema de poder.

Este poder mais que humano

— *poder-Tornado* —

que quebra a imagem do mundo
e im-plicita as funções do homem
em seus torvelinhos de poder,

esse poder mais que humano
que desintegra as antigas formas
e nos tira do antigo mundo

põe-nos em contato direto
com uma *Escuridão* que ilumina.

Já não lutamos só com o homem. Quem é hoje o mensageiro que, como “ladrão na noite”, interrompe nosso sono? Acaso o

homem armado que surpreende guardas e turistas no Capitólio, semeando à sua passagem morte e desconcerto? Mas, essa mesma “função” – em escala cosmogônica – não a cumprem também o HIV, a droga, o desemprego, a corrente “*el Niño*” que altera o clima do planeta?

Tudo me faz pensar que,
nesta fase de transição
para a consciência cósmica

a retirada dos deuses do céu
coincide com a violência dos poderes da Terra:

fronteira crítica de

Reversibilidade de Valores.

Já não se trata de construir um novo sistema (social, político, econômico), formular uma nova filosofia dos valores, esperar o advento de uma nova revelação... porque

o próprio Tornado
de energia cósmica,
precipitando-se sobre a Terra,

pôs-nos em contato direto

com a força primigênia da *Revelação*.

Não há teoria da revelação que possa desvelar o mistério (*Mysterium*) da Revelação que hoje nos toca mais de perto: trata-se da experiência *direta* da revelação.

Iniciação espiritual da Humanidade
no Templo cósmico: ascensão em Corpo.

Iniciação vital da criança na Escola:
sentido transcendente das funções da vida.

Iniciação social do operário na Oficina:
transmutação da energia humana através do
trabalho.

Matriz *Arkhetípica* da Obra

— *O homem tem uma função central e centralizadora neste mundo – resmungou. E os desequilíbrios do Homem incidem no meio cósmico. Se o desequilíbrio chega a um grau limite, a catástrofe se desencadeia.*

— *E então, o que fazer? – perguntei-lhe.*

— *Equilibrar de novo o Robô Humano. Quer dizer, se ficar tempo.*

Leopoldo Marechal, *El Banquete de Severo Arcángelo*

Segundo Manifesto

operários da Obra, uni-vos

O proletariado do “Primeiro Manifesto” surge como vanguarda revolucionária que muda a face da História: “os filósofos interpretaram o mundo; o que é preciso é transformá-lo” (Karl Marx, 1845).

Os operários não nascidos – que cantam, antes de nascer, a ideia-força do “Segundo Manifesto” – vêm como vanguarda genética de uma gigantesca Obra planetária por nascer: trata-se de pôr em movimento a segunda transformação do mundo, através da reversibilidade da força do trabalho.

Em nossa era técnica,
os sindicatos de trabalhadores (*trade unions*)
perderam a vanguarda operária:

lutam só pelo salário,
não pela Obra.

Os “operários da Obra” são algo mais que “proletariado”, empregados, desempregados, trabalhadores intelectuais ou manuais, mão-de-obra qualificada ou mão-de-obra barata... É uma hierarquia na ordem cosmogônica “dos trabalhos e dos dias”: “ofício sagrado” do homem, que perdemos em nosso afã por conquistar o mundo.

Ofício sagrado que temos que recuperar

através de uma mística de iniciação no Trabalho:
consciência da *função* do trabalho na Obra.

Mas, o que é a Obra?

Se pensar, direi: “Não sei”.

Se não penso, a própria Obra me Diz que é algo muito valioso que devo custodiar zelosamente para que a grande corrente da vida não a arrebate de minhas mãos, fazendo-a rolar como uma pedra a mais, entre outras que o rio arrasta. E a “pedra” da Obra me Diz que “sobre esta pedra” posso edificar, através do trabalho, o templo espiritual-material do homem.

A Igreja exaltou o templo ideal
ficou com a metade da fórmula da mensagem
evangélica:

“Meu reino não é deste
mundo”.

O marxismo exaltou o templo material:
esqueceu sua mística inicial de liberação da
escravidão humana
e ficou com o materialismo dialético
e a luta de classes.

As tentativas para reunir estas duas grandes forças da História
em uma corrente Única de liberação fracassaram: o mundo
continua dividido e o povo ainda continua cativo no Egito (sob o
poder dos magos do Faraó).

Mas, ao chegar à fronteira do tempo histórico, no grande ciclo
dos “Peixes”, no momento crítico de máxima tensão da alma
humana, no qual a “nona praga” marca o ponto de inflexão das
forças do homem (temperatura crítica sacrificial), um Gene
cosmogônico fecunda as águas-mãe da vida.

Neste ponto crítico (que ultrapassamos)
já não são

a filosofia
as igrejas
o marxismo
a ciência
as “multinacionais”
o Fundo Monetário Internacional
as Nações Unidas
os “extraterrestres”

os que marcam o rumo à história por-vir:

é a própria reversão da Lei
a própria reversibilidade das leis da vida que,
por energia in-versa,

ativa “funções de ressonância” até agora
desconhecidas.

Dito em outros termos: a rotação da Lei sobre si-mesma envolve em um novo torvelinho de sentido as antigas formas da Justiça e do Trabalho, con-figurando (com elas) a organização gen-ética de um novo mundo. Nessa gigantesca rotação de princípios cosmogônicos, o “corpo místico” e o “corpo social”, separados por muralhas infranqueáveis do logos racional do antigo Éon, convergem – por ressonância de similitude – no Corpo de Fogo de uma Humanidade que ascende em Corpo. Por que ‘de fogo’? Não nos adiantemos: vejamos, se for possível, como se delineiam algumas destas profunções.

Que papel desempenha a Argentina no nascimento destas protoformas da Lei, da Justiça, do Trabalho? A Argentina, recolhendo e assimilando em seu campo magnético humano as correntes sociais e espirituais dos povos mais avançados do mundo, levanta-se sobre a face da Terra como antena pro-fética de testemunho sacrificial que viu o aparecer e o desaparecer dos ideais da Humanidade vindoura: onda pro-fética de dupla face, de aurora e ocaso, vida e morte das instituições, destino fatídico dos desaparecidos e canto de esperança dos peregrinos antes de nascer.

A Argentina chegou a ter uma das legislações mais avançadas em matéria de direito do trabalho... e soprou o furacão de Herodes junto à astúcia dos mercadores do templo e perdemos as leis do trabalho, o orgulho do trabalhador, a proteção às mães operárias, a assistência social aos doentes, aos anciãos, às crianças... Muitos são os fatores que contribuíram para precipitar essa derrocada do templo social.

Mas, mais que a investigação das causas (talvez não existam essas causas), o que importa captar, para desentranhar o sentido, é a onda cosmogônica de mensagem-antimensagem que se oculta por trás do véu dos acontecimentos. E talvez esta reversão dos fatos, em busca da alma dos fatos, seja a onda pro-fética que a Argentina já está proclamando (ainda sem sabê-lo) como mensagem de transfiguração para os demais povos da Terra.

Colocamo-nos à escuta

do canto

que os peregrinos antes de nascer
entoam desde os santuários de altura.

E quando conseguimos ouvir o ressoar deste Canto nas moléculas de nossa própria vida, percebemos que a “nota” chave não vem através da Filosofia da História e sim, através da Química Social. Essa reversão do campo vibratório da Lei muda a própria natureza do que, até agora, entendemos por Justiça e Trabalho. E muda a estrutura do Conhecimento e muda a química da Vida.

Transição de fase,

salto qualitativo na matéria do homem:

matéria-social.

Fecho de um grande ciclo: não só chegamos ao “fim da História”, mas ao “fim” da matéria humana conhecida.

O trabalho ecossistêmico de todos os reinos produziu um certo tipo de “matéria” sobre a Terra: e essa “matéria” determina o raio de curvatura do Conhecimento. “O trabalho e os dias” que temos pela frente consistem em *eleva*r esta matéria prima, fruto do trabalho e do sacrifício da natureza, do homem, da História, durante éons de evolução, à hierarquia de matéria-social da Obra. Essa transfiguração alquímica da matéria (ou melhor, o ato inicial de queima) já não está só nas mãos do homem: através da revolução da ciência, do poder da técnica, da iluminação espiritual, da revolução social... Senão que se trata de um *início* que não é do homem, mas que necessita do homem: início que escapa à ordem sociológica do conhecimento para inscrever-se na ordem do cerimonial cosmogônico da vida.

Revolução do método:

a “função do trabalho” salta do estreito
marco social-econômico da História

para a onda pro-fética de

Transfiguração Social do Verbo.

Gigantesco salto em direção a “funções de ressonância cósmica”.

Quanto à natureza do trabalho do “operário da Obra”, esse salto qualitativo implica *integrar* – já não desde a filosofia dos valores ou da teoria da ciência, mas desde a fisiologia humana do operário – as “condições materiais de produção” (em termos de Marx e Engels) com “os trabalhos e os dias”, na concepção cosmogônica de Hesíodo. A ferramenta técnica para essa integração de forças já não é a filosofia política, mas o poder de reversibilidade do fogo sagrado da Vida.

No grande cenário do mundo moderno, na tela virtual da sociedade informatizada, no espaço-técnico de uma Argentina-laboratório, começamos a descobrir a reversibilidade da Lei através do véu de um cerimonial cósmico, representado no retábulo social. Ao dizer “cerimonial” quero significar que a leitura sociológica é insuficiente para captar a raiz de sentido do furacão de acontecimentos que hoje nos arrebatava de nosso antigo solo.

Dito em outros termos: o novo signo do tempo se anuncia a si mesmo como signo de fogo. No signo chinês *Li* (*I Ching*), o fogo simboliza, com seu traço fraco entre dois fortes, a ruptura de simetria mecânica da Lei:



O mundo técnico que edificamos com nosso cérebro eletrônico e nosso coração mecânico, esse mundo de cidades inteligentes e funções humanas degradadas, rompe-se por dentro... Rompe-se por dentro e já não podemos reconstruir a imagem do mundo com as mesmas ferramentas de salvação que acreditávamos possuir: nem através da especulação dos filósofos, da vontade de transformação dos políticos revolucionários, da mensagem de salvação da técnica. Já não podemos recuperar o trabalho:

O “*tempo do trabalho humano*” desapareceu.

Mas, qual é a natureza desse “tempo” do trabalho, para que o trabalho seja realmente “trabalho humano”? O tempo do trabalho “humano”, essa função de ressonância que articula os bens da terra com os dons do céu não pertence à ordem lógica e matemática das leis de mercado, mas ao espaço interior do homem (☵) onde o próprio homem opera como “celebrante” do rito cósmico de transfiguração da vida. Reduzir o trabalho, enquanto “ofício sagrado”, a leis trabalhistas, salário, emprego, índice de produtividade de bens materiais... todo este reducionismo,

materializante da força intrínseca da vida, em aras do poder econômico dos senhores da Terra, conduziu, ao chegar à crista da “terceira onda”, à morte do homem.

A recuperação da economia humana do trabalho

já não vem através dos modelos econômicos
ou da revolução social:

vem através da própria estratégia da Obra
em função de *reversibilidade da Força*.

Mas, qual é o papel do homem, nesta fase cosmogônica de *Transfiguração Social do Verbo*?

Estratégia de transfiguração

Outro início?

Rodolfo Kusch, em sua *América Profunda*, destaca o contraste, a contradição entre o simples “estar” do índio americano – confrontando as forças elementais da natureza e a ira de Deus – e o “ser alguém” do homem culto do Ocidente – com sua complicada teoria de organização social que, para manter a ordem e a pulcritude da cidade opulenta, deve expulsar o “ferveiro horrível”, toda a barbárie, a sujeira e o mau cheiro da vida, que não podem ser transformados com sua economia de desamparo.

Por mais de 2.500 anos, as filosofias políticas, as doutrinas sociais, as concepções religiosas do mundo... nenhuma das tentativas racionais para conjugar em um mesmo verbo essas radicais contradições da vida conseguiu fazer “encarnar a poesia na História” (Octavio Paz). Mas há um signo novo nesta era que se inicia e que o próprio Paz delineia em linguagem poética: “de repente, em um dia qualquer, a rua acaba em outro mundo, o jardim acaba de nascer, o mundo fatigado se cobre de signos” (Octavio Paz, “A Outra Margem”, em *El Arco y la Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1973, pg. 133).

A Outra margem...

De repente, a rua acaba em outro mundo...

Estas rupturas de simetria, estas fraturas de sentido, estes ritos de passagem marcam simbolicamente os caminhos do por-vir, já seja como iluminação da inteligência (Einstein, Heisenberg, Prigogine...) ou como ocultamento da luz, em altares sacrificiais (Tlatelolco, Tiananmen, Chernobil...).

Extrema confrontação

Descemos...

Tomamos contato com forças profundas,
abismais,
agônicas...

Aqui, já não lutamos com o anjo,
tampouco com o diabo.

Lutamos (por dentro) com a Morte.

Não me refiro à morte como destino que põe fim à vida, mas à Morte como *estado* que desafia a vida a mais vida.

Entramos em uma idade obscura: onde a inteligência fica sem olho para ver. Pressentimos uma transição da escuridão para a luz, mas quando apressamos o passo para atravessar a enigmática fronteira, percebemos que, em lugar de mais luz, o escuro se torna cada vez mais escuro: produziu-se uma fratura na simetria da força.

*em cima o Aderente, a Chama
embaixo o Abismal, a Água.*

O *I Ching* tipifica esse signo do tempo como fronteira crítica na qual “ainda não se consumou a transição da desordem para a ordem”. E onde as forças se tornam divergentes: “o fogo que impulsiona para o alto e a água cujo movimento é descendente”. E continua dizendo o *I Ching*: “As circunstâncias são difíceis... chegou o tempo do combate. A transição deve ser levada a cabo. É questão de travar uma luta denodada para comover e castigar a terra diabólica, ou seja, os poderes do desmoronamento”. E eu me pergunto: o que é essa “terra diabólica” e qual é a natureza desses “poderes do desmoronamento”? A Filosofia da História, a doutrina política, o dogma religioso encheram a Terra de guerras de extermínio, revoluções libertadoras, fogueiras purificadoras de bruxas e demônios...

Hoje, o tempo é outro: já pelos anos 20, o grande José Ortega y Gasset falava do “ocaso das revoluções”. E depois de Hiroshima, é difícil imaginar uma “transição da desordem para a ordem”, levada a cabo por mão humana.

Durante milênios,
no espaço social do encontro humano,
brincamos perigosamente com a morte.

Hoje, por Reversibilidade de Valores,
a Morte habita em nós.

Trata-se da Morte como *estado* da vida do homem: estado difícil de reconhecer como Morte. Não me refiro a angústia, vazio existencial, perda de sentido, colapso da imagem do mundo... estados da alma que, ainda que abismáticos, podem ser reconhecidos como vinculados ao pano de fundo de vida da alma. Tampouco me refiro ao que, em linguagem poética, foi chamado como “morte da alma”; porque, nesse caso, “aqueles que têm morta a alma e ainda vivem” não poderiam dar notícia e ciência dessa “morte”: eles estão “mortos” e dizem que se sentem bem, e que nunca ouviram falar dessa morte.

Na Argentina abismal, na Argentina do horror da década de 70, na Argentina dos campos de detenção, tortura, violação, exílio, morte, a quem podemos perguntar pela saga da Morte? Aos desaparecidos? Não, eles desapareceram! À “história oficial”? Não, a história oficial não fala dessa Morte: “Alguma coisa terão feito... Eu não sou judeu, marxista, revolucionário de esquerda, sacerdote do Terceiro Mundo...”.

Talvez, a pergunta sobre a morte esteja mal formulada. Em lugar de perguntar o que “é” a morte – pergunta metafísica que encheu o mundo de especulações teológicas, filosóficas, científicas (morte cerebral) – teríamos que perguntar como percebo a morte, como a vejo, como a sinto: pergunta fisiológica. Nos relatos de Carlos Castaneda, Don Juan aponta para essa relação sensível com a morte e privilegia a ação do guerreiro como “última batalha sobre a Terra”: “Enfoca tua atenção no vínculo entre ti e tua morte... Ela está sempre à tua esquerda, esperando-te... Enfoca tua atenção no fato de que já não tens mais tempo e deixa que teus atos fluam em consequência. Deixa que cada um de teus atos seja tua última batalha sobre a Terra. Só sob essas condições, teus atos terão correto poder” (Carlos Castaneda, *Journey to Ixtlan*, New York, Simon-Schuster, 1972, pg. 112).

Magnífica a visão do Mestre e sábia a instrução dada ao discípulo. Mas aqui, ainda estamos no domínio da alma... Neste âmbito, a morte ainda está fora, à nossa esquerda, esperando nossa “última batalha sobre a Terra”. Neste contexto, nosso diálogo com a morte ainda é representável e, em alguma medida, pode ser transposto à tradição espiritual luminosa da Humanidade. Hoje, na idade obscura,

já não nos confrontamos com uma “forma” da morte
e sim, com a própria Morte.

Vem a ser algo semelhante ao que nos ocorre com nossa confrontação com o “mal”, com o “demoníaco”. A pergunta moral, filosófica, ética, teológica, está esgotada: antes que possamos perguntar pelo Diabo, já nos encontramos face a face com o próprio Diabo (ver o filme *O Advogado do Diabo* e refletir sobre ele).

Hoje,
no final de um grande ciclo cosmogônico,
em meio à grande transição de fase que pre-sentimos,
quando ainda não terminou o inverno
e acreditávamos vislumbrar os primeiros brotos da
primavera,
subitamente,

a Morte vem medir-se com a vida.

Mistério de iniciação espiritual da *matéria*, até agora muito pouco conhecido. É como se a matéria da vida tivesse que prestar exame de qualidade (enquanto matéria humana) por confrontação com a Morte: e essa confrontação já está se realizando no laboratório secreto do corpo físico do homem. Frente aos grandes problemas da sociedade, frente ao mundo, à História, já não perguntamos pelos valores da alma: perguntamos pelo *estado* da matéria.

Estamos trabalhando com um nível muito baixo
de “energia humana”;

o atual “estado da matéria” não pode sustentar
a alta vibração da vida;

e quando a matéria-sustento

do homem
das instituições
dos impérios...

quando essa matéria-sustento da vida declina,
vem a Morte (sob diferentes vestes:

vírus assassinos,
bactérias carnívoras,
drogas sedutoras,
genes malditos,

rostos sem rosto do
terror...).

E surge a pergunta:

Acaso o Senhor do céu,
para salvar a “matéria” do homem,
vem à Terra como anjo mensageiro da Morte?

Bem, isto já ocorreu várias vezes... pelo menos, assim o afirmam diversas cosmogonias: mas ficamos com o relato mítico, com as imagens alegóricas de transformações do mundo.

Hoje, nós mesmos somos prot-agonistas do drama cosmogônico, no cenário de nosso próprio corpo: confrontação de nossa “antiga matéria” com o invisível fazer da Morte. Dessa confrontação-enlace entre a vida e a Morte está nascendo um novo *estado* da matéria.

Disso não se pode falar com os vivos,
mas só com aqueles que voltaram da Morte:

Iniciação *solar* da matéria do homem.

Drama cosmogônico no homem, ruptura de simetria da “antiga matéria” que servia de suporte à vida. Partição do sentido da força.

em cima o Fogo (que sobe)
embaixo a Água (que desce)
(*I Ching*)



Em algum lugar da Argentina...

No campo magnético-espiritual que flutua
entre o Céu e a Terra

no espaço-cerimonial de algum
Santuário de altura,
no drama-sacrificial da matéria humana
na cidade dolente,
no combate-arquetípico entre a vida e a Morte
na entranha de meu próprio corpo...
no ponto/sem ponto de partição da força,
o fogo do Espírito
volta a ressoar nas águas da vida.

Incêndio da matéria: aqui, já não se dá a partição das águas e sim, a
transfiguração da
vida.

Aqui, já não estamos no terreno da filosofia política para interpretar o drama da História. Por outro lado, não há nada a interpretar porque, de repente, todos os personagens do antigo drama do mundo desapareceram do cenário da História. E este é o verdadeiro drama que vivemos na Argentina de hoje: ficamos sem livreto, sem o mapa da rota para desentranhar o quer nos quer Dizer o pulso da Vida que se antecipa à vida por-nascer.

Em algum lugar da Argentina!

É o lugar da *transfiguração*,
o lugar do *sacrifício simbólico de um povo*,
o lugar da *re-criação da ordem sagrada do mundo*.

Qual é a natureza do Corpo por-nascer?

Em algum lugar da Argentina
nasce (antes de nascer)
um Corpo de *fogo*.

Em função da *chama* que sobe
e das “águas” que descem

minha própria “matéria” foi transferida
(sem que tivesse me dado conta)

a um nível mais elevado de energia
a tal ponto que, sem perceber,
venho a funcionar com outro corpo.

E chego a dar-me conta (estamos nos dando conta) de que lutávamos com baixa energia. E que com “baixa energia”, os problemas humanos que nos angustiam não têm solução.

Lutávamos com a Morte: e não o sabíamos! Havíamos roçado o mistério da grande corrente de iniciação espiritual da Humanidade: e a Argentina era um dos vértices magnéticos do primeiro triângulo cosmogônico que se reflete na alma do mundo!

Quando a vida declina,

*sempre há uma terra predestinada
que alberga a semente dos deuses*

para mais vida.

Como se pre-destina o papel, a função, a missão da Argentina na *gesta* de nascimento do novo mundo?

Argentina, reserva de paisagem?

Argentina, produtora mundial de alimentos?

Argentina, Expo-Rural: prepara um tipo de animal que se adapta cada vez mais às exigências do mercado?

A pergunta não se dirige só à Argentina.

Quando falo do “primeiro triângulo cosmogônico” (do qual a Argentina é só um dos vértices), estou me adentrando – ainda sem que me proponha – no mistério de plasmação do Verbo no seio da matéria-Virgem.

Como se pre-figura a *gestação* de um novo germe de vida na matéria destilada do mundo?

No final deste grande ciclo cosmogônico que se fecha encontramos-nos no planeta com outro tipo de “Húmus”:

“matéria prima” que a Humanidade elaborou (junto aos demais reinos, Terra incluída)

e que nos aparece como “plasma gen-ético” da Obra por-nascer.

É a “matéria” “dos trabalhos e dos dias”, na longa caminhada dos dias: não só matéria da arte, da ciência, da cultura, mas matéria orgânica da vida. E é esta “matéria anterior” (se pudermos chamá-la assim), essa “matéria-matriz”, fruto da desintegração iluminativa dos antigos corpos, a protomateria que a Humanidade de hoje, na era do mundo globalizado, eleva como oferenda sacrificial no misterioso rito teúrgico de transfiguração da vida: algo disto havia pressentido Teilhard de Chardin quando oficiava simbolicamente sua “Missa sobre o mundo”.

O fenômeno humano que hoje nos inclui a “todos”, em escala global do planeta,

é “mais que humano”
e nem sequer podemos dizer que se desenvolva “sobre o mundo”.

No entanto, *é* humano e *é* do mundo:
mas não pode ser reduzido a parâmetros históricos.

Estamos ante um acontecimento que nos toca tão de perto que nos rouba o espaço onde se desenvolvem os acontecimentos. E nem sequer nos dá tempo para refletir sobre o fim de nossa própria história.

Caiu a Noite.

De repente, penetramos em um
“espaço cerimonial”
onde o destino do homem,
seu ser no mundo,
seu lugar no cosmos,

revela-se a nós sob o signo de uma
nova geometria da vida.

Uma Obra de arte: ainda não realizada,
mas sim, pre-sentida.

Sinal A-nunciador do mundo por-vir:
nota-chave que marca o caminho dos peregrinos antes de
nascer.

.....

Em meio à noite do mundo
minha alma se sente misteriosamente cativa...

mas, um gesto da Noite, antes do amanhecer,
revela-me o sentido da existência:

já *não é* a vontade de poder
a dialética da História,
o afã de possuir a vida...

é o sentimento cósmico de participação na grande
obra de

Transfiguração Social do Verbo.

Transfiguração Social do Verbo
é o poder do Verbo

que con-Voca o homem

para restabelecer (com o homem)
a Ordem Sagrada do mundo.

Transfiguração Social do Verbo
não é uma nova mística
uma nova religião
uma nova revolução social...
é uma nova geometria da Vida.

Transfiguração Social do Verbo
aparece-nos como formulação intelectual

do mistério (*Mysterium*)

de iniciação espiritual da Humanidade
na era de abertura cósmica.

Não só como tema paradigmático
de um novo tempo histórico,
mas como chave gen-ética do
ciclo cosmogônico que se inicia.

Transfiguração Social do Verbo

é o *Tema pro-fético de nosso tempo*:
(como teria dito Ortega y Gasset, se vivesse em
nosso tempo).

E é *pro-fético* porque se antecipa ao tempo:

não pertence aos príncipes dos sacerdotes
aos magos da ciência
aos mercadores do templo.

Pertence à essência e à providência do
Verbo
e à nobreza e à transcendência do homem.

Não se trata de um novo contrato social.
Trata-se de uma
nova aliança com a Vida.

.....

Quem é o Hierofante que inicia a cerimônia e abre o primeiro
selo?

Ninguém responde.

A luz das estrelas se retirou.
As sombras da terra nos reduziram a zero:

O caminho do conhecimento é Outro.

No “espaço cerimonial”, as leis da Vida também são outras.

E a matéria do Tempo é outra:
matéria destilada da ciência
do trabalho
das revoluções sociais
das experiências espirituais...
e matéria residual (silenciosa matéria do sacrifício).

A própria pulsação do “espaço cerimonial” em que hoje nos movemos (ainda sem termos consciência de estarmos vivendo nesse espaço “cerimonial”), o próprio ritmo do meio cosmogônico em que nos movemos e temos nosso ser in-screve a mensagem do Verbo nas moléculas de nossa própria vida:

É Outro o modo de conhecer.

Já não são os fatos que nos falam, mas a alma dos fatos: é o conhecimento por interpenetração de estados, por ressonância de similitude, por transfiguração da matéria humana no fogo sagrado do Verbo. É a linguagem da revelação viva. Mensagem que se oculta em sua essência e se manifesta em sua Operação: RevelaçãoRe-velada.

Aqui, já não partimos

de uma revelação feita dogma,
de tábuas de pedra escritas de um só lado,
de evangelhos de igrejas eletrônicas,
de mensagens de salvação transmitidas por
intermediários...

partimos da

transfiguração do homem no fogo sagrado do Verbo:
- oferta de valores pessoais
- sentido transcendente da vida
- vontade de participação social

De diferentes centros de força do planeta começa a fluir um sangue ígneo que, por convergência de *missão*, vai configurando a grande corrente espiritual invisível que opera como campo de ultrassentido (*corpus mysticum*) das correntes sociais visíveis e tangíveis dos povos.

Esse acoplamento (que seria melhor chamar “ressonância”) entre o “fogo” espiritual e a “matriz social” constitui a trama energ-ética que dará “corpo de fogo” ao “canto” dos peregrinos antes de nascer: novo meio universal operativo (meio-e-mensagem, derivado de “o meio é a mensagem”, em termos de McLuhan) no qual hoje nos movemos, transfiguramo-nos e temos nosso ser-e-não ser.

Um novo *meio*: novas águas primordiais?

Não é o “meio divino” (Teilhard de Chardin),
nem o “meio social” (Marx),
mas o “Verbo *em meio* de nós”, do Evangelho.

Ao dizer “ressonância” entre o meio divino e o meio humano, estamos ouvindo, reconhecendo (em nós: em nosso próprio corpo) o “som”, o “ritmo”, o “pulso” da Língua Mãe que fala em nós: sinal A-nunciador de novas funções da Vida.

O novo *meio* é enigmático por natureza.

Nenhuma das ciências conhecidas nos oferece
acesso a seu código Gen-ético,
nenhuma das filosofias conhecidas nos dá a chave
para entrar na câmara da Rainha.

É o “Verbo-em meio de nós” (novo “meio-
mensagem”),
é o Poder primigênio (Primo-*gene*) que desenha na
matéria o “signo” de iniciação espiritual da
Humanidade para o ciclo cosmogônico vindouro.

Apesar de haver ouvido essa promessa do “Verbo-em meio de nós” mais de uma vez, ainda que com diferentes formas de linguagem: “Faz-me um santuário e habitarei entre eles” (Êxodo 25:8), a Humanidade do logos-intelecto não pôde decifrar o código de sentido-vivo da Língua Mãe: e criou ciências do homem e ciências de Deus, separadas por um abismo infranqueável.

Muito se fala hoje de “iniciação” (basta de “iniciações por correspondência”!) e de “revelação” (de quando em quando é vendida no mercado uma “nova revelação”): novo ópio dos povos. Porém, essas veneráveis palavras, cunhadas no contexto

socioespíritual do antigo signo do tempo, terminam hoje por não dizer-nos nada.

E, se já no umbral do ciclo cosmogônico vindouro, pre-sentimos o “signo de iniciação espiritual da Humanidade”, é porque essa “iniciação” já se realizou na fisiologia orgânica do corpo social: não é uma revelação que deva vir como iluminação da alma, mas um “advento inicial” que já golpeou a matéria em seu mais profundo centro, con-figurando uma nova geometria da vida.

De repente, encontramos-nos com

condições iniciais

que marcam o ritmo
de funções de “ressonância cósmica”
cuja linguagem gen-ética já não podemos decifrar
com os códices dos antigos templos.

Dito de outro modo: a nova revelação já foi dada, mas não veio na forma em que havíamos imaginado. As “condições iniciais” já estão dadas: já temos uma nova ciência, já liberamos a energia atômica, já viajamos rumo às estrelas, já vivemos na sociedade tecnificada em escala global na Terra... Já nos movemos e somos em um novo *meio*.

A “primeira iniciação” (se ainda pudermos falar nestes termos)
já foi dada: o Senhor já veio.

A “segunda iniciação” (quando o Senhor se retirou) marca as etapas de transformação do homem vindouro:

Celebração litúrgica: no fogo dos santuários de altura
(espaço cerimonial),

Plasmação gen-ética: na treva dos abismos
subterrâneos (espaço sacrificial),

Transfiguração social: na grande oficina do trabalho
humano (espaço de transmissão).

Essa “segunda iniciação” (da qual todos “somos” prot-agonistas – em maior ou menor medida) se revela em sua essência como *in-*

pulso de participação da Humanidade (em corpo) em um mistério (*Mysterium*) pouco conhecido nas iniciações dos antigos templos: a

Transfiguração Social do Verbo.

Por que “social”? Por que “em corpo”? Porque na longa caminhada do homem sobre a Terra, chegamos a um ponto crítico do caminho, onde a pergunta metafísica pelo ser se volta sobre si mesma, à escuta da função gen-ética do Corpo, na grande obra de transfiguração orgânica da vida. Esse *Mysterium in Corpus*, preservado na tradição cristã através da fé, do dogma e da liturgia, volta a revelar-se na era que se inicia como sentimento cósmico de novo destino para o homem: “ascensão da Humanidade em Corpo”. Aqui, já não fazemos diferença entre corpo individual biológico, corpo social ou corpo espiritual: falamos simplesmente de *Corpo*. E surge uma pergunta fundamental que compromete todos nós e tudo: Quais são as funções *orgânicas* deste Verbo que, para transfigurar-se em *obra*, requer in-corporar em seu seio a matéria-social do homem?

Começamos a descobrir funções
de *resonantia-Verbum*.

Dito de outro modo, começamos a pre-sentir o ritmo, o pulsar da fisiologia orgânica do Universo: a ordem gen-ética da vida, em suas dimensões materiais, sociais, espirituais. Neste nível profundo de interpenetração de estados, a função-Mãe, *resonantia-Verbum*, põe fim à fratura entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida, e se projeta no mundo como *poder de plasmação*:

que modela a matéria em
funções,
ofícios,
ferramentas,
órgãos.

Trata-se de novas funções, pro-féticas por natureza: quer dizer, que se adiantam à teoria,
mas a *theoria* marca o caminho
do que deve ser investigado.

Algumas destas funções de *resonantia-Verbum* já estão sendo vividas, ainda antes de serem conhecidas. Mas a vanguarda gen-

ética, na ordem do conhecimento, traça as grandes linhas teóricas que hão de servir de guia aos investigadores da arquitetura orgânica do novo mundo do homem. O que é que deve ser investigado nas universidades e demais centros de investigação? E, quando o pensamento cala, os peregrinos antes de nascer respondem:

É urgente investigar

o poder conVocante do *Sagrado* na consciência do homem,

o sentido orgânico da *Lei*,

o princípio de plasmação da *Justiça*:
função gen-*ética* da conduta,

a força de transfiguração espiritual do *Trabalho*,

o papel do meio técnico no
desenvolvimento humano das
Instituições sociais por nascer.

O Sagrado, a Lei, a Justiça, o Trabalho, a Economia, a Escola... não só como princípios metafísico-teológicos ou como leis de organização política da democracia “social”, mas como “ressonâncias” de funções-mãe nas moléculas da vida humana – esses “sons” de sabedoria orgânica, na consciência dos peregrinos antes de nascer, *são* a *theoria* que marca o rumo à Ciência, à Técnica, à Mística da era que se inicia: “são” as *condições iniciais* para pôr em movimento a fase cósmica deste novo ciclo, ao qual hoje somos conVocados a viver e a ser. Trata-se da interiorização *orgânica* do saber. Já desponta o germe de novas ciências da vida, enraizadas em funções humanas de ressonância cósmica: moral biológica, química social, economia providencial, fisiologia gen-*ética* de transfiguração.

.....

Entramos em uma fase crítica da História: “O *Titanic* somos nós”, escreve Jacques Attali, assessor de Estado da França, no jornal *Clarín* (Buenos Aires, 15 de julho de 1998). “Todos adivinham que o

iceberg está aí, que nos espera, escondido em algum lugar da bruma do porvir, que nos lançamos contra ele, que vamos nos despedaçar em meio à música...”. Continuaremos nos distraíndo com o espetáculo metafórico de nossas futuras catástrofes?

O iceberg está aí,

mas também está aí o *espetáculo*,
encobrendo com seus véus de sedução
a ordem simbólica do mundo.

A resposta a este desafio escapa uma e outra vez
das mãos do homem:

porque *o iceberg que está aí*
não-é o “iceberg” de nossas filosofias políticas e concepções
do
mundo,
mas a “sombra” do Verbo que vem para medir-se com o
homem.

Essa con-frontação é pro-fética por natureza: chega *antes* de se produzir. Sinal A-nunciador. O signo que a anuncia é a “precessão da catástrofe”: catástrofe que, antes de produzir-se, des-encadeia a energia inversa que pode reverter a catástrofe. A mente racional do antigo ciclo cosmogônico não chegou a decifrar a geometria simbólica do novo signo do tempo que nos cabe viver: ficou presa na dialética dos pares de opostos e nas férreas leis da História. Hoje, a biologia molecular e ainda a teoria econômica nos ajudam a descobrir ciclos epigenéticos que antes nos passavam inadvertidos: já ouvimos alguns economistas dizerem que “tratando-se de déficit financeiro, o importante não é o déficit em si mesmo, mas a potencial reversão do fluxo de capitais”.

O próprio signo do tempo

in-stala hoje, no cenário do mundo, as

condições iniciais

para des-encadear uma onda pro-fética de

Reversibilidade de Valores:

“nota inicial” da civilização da era cósmica.

Condições iniciais. “Nota inicial”.

Há algum sinal de “advento” em nosso mundo, em nossa época, em nosso tempo histórico? Acaso a luz inicial da nova ciência, a irrupção do poder da técnica, os sinais do céu (o último eclipse do sol do milênio, 11 de agosto de 1999 - e a enigmática “cruz cósmica” na visão dos astrólogos) – ou a fúria dos elementos da Terra, com o conseguinte desequilíbrio ecológico do planeta? Cada um destes sinais tem seu lugar, sua função, seu peso de significado na “constelação inicial de signos” que ilumina o novo caminho do homem. Mas, o próprio fundamento disso que chamamos “inicial” escapa a nosso olhar e se oculta por trás do véu do mistério.

A-mérica, monopólio magnético

na geografia simbólica da Nova Terra

Eduardo Mallea, em uma novela, viu as duas Américas que estão coexistindo em nós: a América visível e a América invisível. Na superfície, a dos figurões, dos oradores, dos que gritam, dos que têm representação e uniforme. Nas entranhas, na carne e na alma, estamos nós, os outros: os sapateiros e os estudantes, os senhores que vão ao cinema e os senhores que andam pela rua, e os poetas e os peões... Os oradores falam de pé sobre um vulcão; dizem que sabem aonde vão – sem sabê-lo – porque é preciso dizer algo e fazer ruído... Os de baixo tampouco sabem de onde vêm (de onde viemos). A América invisível é uma turva nebulosa que vai se aclarando, à força de equívocos, de lutas para vencer as dificuldades, de sofrer o contato com uma realidade contraditória.

Germán Arciniegas, *Este Pueblo de América*

Quando quero dar palavra a esse sentido unitivo da vida que, conforme pre-sinto, poderia dissolver a tensão que dilacera o tecido social e espiritual da América, a primeira coisa que surge – à luz do pensamento ilustrado – são tantas outras perguntas que, longe de “dissolver a tensão” (Kusch), não fazem mais que reforçar as contradições cunhadas pela História, no transcurso do próprio devir dos povos americanos.

América do Norte, América do Sul?
América Saxônica, América Latina?
América européia, América índia?
América de nações, América continente?

Nenhuma destas expressões chega a desvelar o sentido, o mistério, a missão de uma América ainda não nascida. Mas, quando invoco a potencialidade deste espírito por-nascer e lhe peço que me dê seu nome, surge uma só palavra de fogo:

A-mérica

E o pensamento toma outro rumo

*Hoje, como ontem, como sempre,
a ideia-germe do novo signo do tempo*

*reclama uma terra-sagrada
onde albergar o sonho do homem.*

12 de abril de 1961. Yuri Gagarin, o primeiro homem no espaço, sobrevoa a Terra em sua nave Vostok. Mas, a história havia começado antes.

16 de julho de 1945, em Alamogordo, Novo México, às 5:29:45h da madrugada. Já antes da explosão, durante os preparativos de construção da bomba, o ministro da guerra, Henry Stimson havia advertido a Robert Oppenheimer e aos demais membros do Grupo de Peritos Cientistas que ele “não considerava essa bomba como uma nova arma, mas como uma mudança revolucionária nas

relações do homem com o Universo” (Peter Wyden, *Día Uno*, Barcelona, Martínez Roca, 1986, pg. 150).

E não estava equivocado: “Pela primeira vez havia ardido um fogo cósmico sobre a Terra” (Teilhard de Chardin). Ruptura de simetria da antiga imagem do mundo: à revolução tecnológica por fora correspondia um coração místico por dentro. O eixo da História se deslocava para o

Novo-Novo Mundo.

Caem os marcos interpretativos para aceder ao sentido genésico da nova terra, constelada com o cosmos: iniciação espiritual da Humanidade em escala planetária. Mas, há um *ponto* material terrestre onde se descarrega o fogo sagrado dos deuses: não só no deserto do Novo México, também nos cumes dos Andes e nos abismos subterrâneos da cidade do homem. E *nasce* a América: já não é a América fragmentada do europeu e do índio, a da fratura entre civilização e barbárie, a América das nações ricas e dos povos pobres, tampouco a América de territórios geopolíticos separados por barreiras de dominação-dependência. Nem muito menos, a América anglossaxônica por um lado, a América Hispânica, a América Latina pelo outro... O novo ponto de convergência simbólica das forças humanas, telúricas e cósmicas que abrem os caminhos do porvir *é*, simplesmente,

A-mérica.

Essa *A-mérica inicial*, no entanto, encerra em seu núcleo de sentido libertário o germe de uma guerra arquetípica (como ocorreu sempre na origem das grandes civilizações). O drama da América histórica se desenrola entre os altos cumes da glória e os profundos abismos do infortúnio. Assim ocorreu no transcórre dos grandes impérios pré-colombianos, nas cidades de incas e maias. Assim ocorreu com o destino glorioso e trágico dos grandes libertadores americanos Miranda, San Martín, Bolívar... e assim continua ocorrendo hoje, entre o bem estar econômico da “cidade opulenta” (Galbraith) e o grito de penúria que corre pelas “veias abertas da América Latina” (Galeano). Thomas Berry, destacado pensador norteamericano, em suas notas sobre *América: Bicentennial Reflection*, trabalho comentado por Valerio Ortolani em *Personalidad Ecológica* (México, 1983, pg. 212), apresenta sua tese de “interpretação irônica da história americana”. Irônica, no

sentido de haver alcançado o contrário da missão histórica, espiritual e libertária, impressa na alma dos pais fundadores.

E hoje, depois de Alamogordo, do Vietnã, da Guerra nas Estrelas; depois do Che e da geração dos anos 60; depois do poder político autoritário, dos desaparecidos, da marginalidade social... por que voltamos a invocar o nome mítico de *A-mérica* e não a chave paradigmática de “globalização” (geopolítica da Terra)?

Porque não basta o meio técnico,

sempre faz falta um *solo* germinativo
que ofereça albergue à semente dos deuses.

Sempre “faz falta um *estar* que outorgue sentido ao ser” (Kusch). Sempre faz falta um ponto material terrestre de descarga expansiva do fogo cósmico. Não um universalismo abstrato, não uma “aldeia global” para um homem sem Lar.

Não sabemos de onde vem nem para onde vai,
mas pre-sentimos que na terra da América
foi depositado um *germe* celeste para mais vida.

Na *A-mérica*, palpita já o “germe” (in-pulso) da desintegração radiativa da matéria humana. O “germe” da revelação espiritual do novo céu cosmogônico-histórico, o “germe” sacrificial das revoluções sociais perdidas. Do coração da *A-mérica*, volta a fazer irrupção a necessidade de dar resposta ao problema fundamental do *desenvolvimento humano*, tema proposto em termos filosóficos, políticos, técnicos, pelas culturas que nos precederam, mas não resolvido na dupla vertente espiritual e material da vida humana. Por que esta mensagem *inicial* da *A-mérica* passa inadvertida aos modelos teóricos de interpretação do mundo?

Porque a mensagem da *A-mérica*
não é ideológica e sim, *gen-ética*.

“Ser *gen-ético*” não quer dizer “não ser inteligível”. *É* inteligível, mas não do modo em que projetamos nossa visão intelectual do mundo. O instrumento de inteligibilidade não é o mesmo que utilizamos até agora para caminhar em linha reta sobre terra firme:

o novo instrumento é *profético-científico*.

Os próprios acontecimentos, operando como sinais A-nunciadores (pro-ferição do Verbo), marcam o caminho aos doutores da lei.

Volto à ideia da A-mérica. Tomo de Germán Arciniegas, em sua *Biografía do Caribe*, o relato épico de Balboa:

Pode-se afirmar que este enérgico conquistador, saído do comum do povo, levou sobre seus ombros as primeiras naves que cruzaram o istmo. Queria explorar o novo mar, seu mar. Foi-se com os desbravadores de facões nas mãos para os montes, cortou os troncos mais altos e regulares, serrou como pôde as tábuas e, sobre os ombros dos índios e dos brancos, atravessando os cumes, foi passando tudo – vigas, tábuas, ripas, pregos, até as margens de um rio, onde armou suas barcas para descer com elas até as águas azuis do mar. (Germán Arciniegas, *Biografía del Caribe*, México, Porrúa, 1983, pg. 286).

Assim como Balboa, nós na A-mérica, havíamos vislumbrado um oceano cósmico que, até então, não havia sido visto. E, também como Balboa, utilizando os recursos técnicos do homem, a providência do céu e a fecundidade da terra, começamos a construir uma *arkha* para cruzar as grandes águas em busca da “Outra” margem. A “obra” da A-mérica – o “homem da A-mérica”, suas formas institucionais, sociais, espirituais – essa obra nos aparece assim como missão operativa (*pro-fética*) de uma vanguarda *gen-ética* que *avança, retirando-se*: obra sistemática gigantesca que ultrapassa os marcos teóricos dos construtores da sociedade política e técnica.

E então, nessa fronteira do antigo logos, surge uma pergunta mais fundamental: emerge a A-mérica de um magma primordial (catástrofe do Éon de Peixes) como *ultracontinente* – na longa caminhada do homem sobre a Terra? E, se for assim, não devemos perguntar-nos se para além das formulações sociais, geopolíticas, tecnológicas “dos últimos homens do fim da História”, se acaso nós, aqueles que chegaram demasiado cedo, não fomos escolhidos como prot-agonistas de uma Nova Aliança que transcende os marcos teóricos do antigo mundo?

Prot-agonistas?

Sim, “partículas mensageiras” que se “acoplam” a um campo de forças cosmogônicas, até agora inacessíveis à experiência individual e social do homem terrestre. Essa “experiência de acoplamento”,

ressonância entre a matéria humana e a consciência cósmica, essa “energia de enlace”, essa forma de comunicação essencial por “poder de similitude” – que, nos tempos que nos precederam, só era acessível através da mística do deserto, do rito religioso, da exaltação artística – vem a dar-se hoje através de um ritmo secreto do coração, “acoplado” a uma química social posta em movimento pelo poder simbólico da técnica. Esse “ritmo secreto do coração” é a *forma* da consciência espiritual que começamos a viver nesta “América ultracontinente” recém nascida.

E, uma vez mais, por que América?

Não é fácil dizê-lo.

Ao chegar a este ponto, abandono a linguagem conceitual e me abandono ao que me quer dizer o símbolo que opera como intermediário, na liturgia do novo Éon.

A-mérica, monopólio magnético.

Esse “monopólio magnético”, enquanto símbolo de unificação, não procede da tradição mística, metafísica, poética, senão que emerge do núcleo esotérico da linguagem da técnica.

Em linguagem técnica, dizer “monopólio magnético” é como compor uma enorme reserva de energia: se se pudesse mesclar um polo norte (magnético) com um polo sul (magnético), seria liberado um potencial de energia muito superior àquele do qual hoje se dispõe nos reatores atômicos. Só ficção científica? Não. Passos da teoria em busca da grande unificação das forças do Universo (GT4). E não só das forças do mundo físico. Apoiando-nos no poder de ressonância analógica do símbolo, o pensamento se adianta a formas de unificação “ainda não nascidas”, no campo imprezível do mundo do homem.

Coincidindo com as grandes comoções
da Terra (ruptura do equilíbrio ecológico)

e com o desmoronamento dos modelos lunares
de fragmentação do mundo e fratura do homem,

a A-mérica, antes de nascer,
faz ouvir sua grande mensagem de unificação (GM4)
através da voz solar da

Serpente Emplumada.

Essa América pro-fética, esse “monopólio magnético” que irrompe na geografia simbólica da Nova Terra, não está no espaço geopolítico das nações nem no mercado comum dos mercadores, mas no ritmo in-sonoro dos mensageiros solares que se antecipam ao tempo da História. Trata-se de um ritmo teúrgico-técnico (se pudermos chamá-lo assim) que desestabiliza a matéria do homem terrestre e se faz vínculo com a consciência cósmica: analogia na ordem fisiológica com o princípio de Mach (vínculo entre o grande e o pequeno), na ordem cosmológica?

Hoje, como ontem, na A-mérica, a chave de sentido para o homem nos aparece como a figura traçada pela Serpente Emplumada em seu percurso através do Universo. Dito de outro modo: desde os santuários de altura, uma vez mais, o Fogo Sagrado põe em circulação a geografia humana do planeta.

Qual é o código simbólico desse “toque” das estrelas?

*Não só o ingresso da luz,
mas a circulação da luz.*

Digo expressamente “circulação” porque a mensagem cósmica da A-mérica vem liberar a energia humana aprisionada durante milênios, em cápsulas de tempo: fase mística (e complementar, em escala humana) da liberação de energia atômica.

Ao falar de “monopólio magnético”, no contexto de uma geografia simbólica planetária, queremos aceder de algum modo à unidade originária, princípio raiz (Primo-gene) de um acontecer que irrompe como *força inaugural* no húmus vivo da Terra, ilumina a noite do mundo e curva o caminho da História. Já não é só o homem que sai ao espaço exterior para explorar o Cosmos, senão que o próprio Cosmos vem habitar no tempo interior do homem, deixando impressa sua pegada magnética nas moléculas da vida. Mas então, o que é a A-mérica?

A-mérica é o solo germinativo,
a alma-povo,
que se antecipa (custodiando o Primo-gene sagrado)
ao destino trágico do “fim da História”.

E cada povo, com sua força telúrica própria, com sua identidade cultural, com seus bens materiais e espirituais, com sua *alma máter*, participa – por transmutação de elementos – na grande obra de *Transfiguração Social do Verbo*.

E a Argentina?

Dentro do contexto desta A-mérica fundacional, ante o horizonte de advento de uma nova Terra, qual é o papel, a missão de nossa Argentina no organismo planetário por nascer?

Missão pro-fética:

guardar em seu seio, ainda que sem dizer,
aquilo essencial que tem que Dizer.

Detêm-se aqui as agulhas do tempo, caem as interpretações da Filosofia da História. A realidade profunda é Outra.

*Houve um sinal misterioso,
o toque de uma Estrela,
e estremeceu a terra virgem...*

.....

*e vieram os mercadores
e os guerreiros sem glória
e os príncipes dos sacerdotes...
e viram que havia uma gesta
e tiveram medo...*

Para além (ou melhor, para dentro) da Argentina política, da mestiçagem, do crisol de raças, do celeiro do mundo, da revolução social, da Argentina-terceiro mundo ou da Argentina-aspirante a primeiro mundo...

existe uma Argentina-interior.

Houve um grito: liberação ou dependência. E se abriram as fauces dos abismos subterrâneos. A chave para decifrar o sentido desta Argentina-interior não é de natureza política, social, econômica, mas *gen-ética*: chave de transmutação de elementos. Faltou-nos teoria para a adequada leitura do novo fenômeno humano. Começamos a ouvir o canto dos peregrinos antes de nascer, mas perdemos a visão do código secreto da guerra:

Não nos demos conta
de que se apostava

o extermínio do homem argentino.

Hoje, como ontem, como em outras fronteiras-chave da história sagrada dos povos, assistimos ao extermínio dos primogênitos (*Primo-gene*): através da doutrina de segurança nacional, da tortura, da economia de desamparo, da sedução do espetáculo, da teoria de salvação através da técnica. Como aproximar-nos da compreensão desta gesta de “nascimento sacrificial”?

A Argentina, sob o olhar do Cruzeiro do Sul, em um ponto magnético providencial da geografia simbólica da Terra, constitui-se em cenário histórico de um drama cosmogônico, onde se curva a trajetória das antigas rotas do poder. Por que digo “providencial”? Porque a *theoria*, a chave paradigmática da “gesta” que hoje estamos vivendo na Argentina, transcende os marcos teóricos (antropológicos, sociológicos, políticos, técnicos) com os que, até ontem apenas, tentávamos interpretar o curso e o sentido das revoluções históricas.

Dizer “gesta” quer dizer *forjar* um novo elo humano (ultraelemento-vínculo) na cadeia *gen-ética* de trans-missão de novas funções da vida.

Forja que não só é representada
em um drama humano
senão que vem a dar-se como “Germe” de vida
em uma guerra de elementos.

Essa “forja” não passa somente pela dialética dos ilustrados, mas pelo sacrifício dos inocentes: é o “Germe” da Argentina-interior, uma nova síntese dos elementos materiais e espirituais da vida.

Ingressamos aqui, no terreno ainda muito pouco explorado de “gestação de funções sagradas”. Para vislumbrar algo parecido, teríamos que remontar-nos a longínquas épocas genesíacas, onde o magma sacrificial da natureza in-corpora em seu seio o sopro primário do Espírito para dar vida a novas idades da Terra.

E hoje, em nosso tempo?

Também a Terra se tornou instável e estamos morrendo por falta de vida.

Mas, em alguns lugares providenciais do planeta, onde o magma sacrificial humano chega a temperaturas críticas de consciência, emergem funções da vida completamente novas. O fruto desse conúbio (*resonantia-Verbum*) é algo mais que uma filosofia espiritual, um contrato social ou uma obra técnica: é a gestação de

um ultraelemento, divino e humano ao mesmo tempo (“ressonância”), que opera como “molécula-ponte” na fisiologia orgânica (individual e social) de uma nova Ordem Sagrada do Mundo.

... seguindo as pegadas dos filhos do Sol

Existe uma

*Argentina Pro-fética...
inacessível aos olhos fatigados dos caminhantes sem
caminho.*

*Terra sagrada...
custodiada em um recinto hermético: por almas
consagradas.*

*Alguém que nos viu passar
perguntou por nosso nome...
e não o pudemos dar:
porque era secreto.*

“O que é este lugar?”, voltou a perguntar.

*E lhe dissemos:
é o Lar.*

*“Quero ficar!”,
disse-nos com nostálgica voz...*

Estivemos aqui mesmo, em outro *tempo*
em torno do mesmo *fogo,*
sob outras *estrelas.*

Estivemos com os nossos,
mas os nossos não nos reconheceram...

caminhamos
pelos mesmos vales
escalamos
as mesmas montanhas
navegamos
os mesmos rios
compartilhamos
as mesmas penas

as mesmas dores
as mesmas alegrias...

Estivemos com os mesmos pais, os mesmos irmãos, os mesmos mestres, mas os nossos não nos reconheceram...

Falávamos
a mesma língua,
tínhamos
os mesmos ideais,

mas o *código de destino* não era o mesmo...

Um dia, Alguém nos viu partir...

dispersamo-nos “aos quatro ventos”

.....

“uma promessa se fizeram
que todos deviam cumprir;
mas não posso dizê-la,
pois segredo prometeram”.

.....

Caminhante, se algum dia, por caminho incerto, antes de cair a noite, tu te detiveres um instante para pôr-te a ouvir o que quer dizer o vento,

escutarás o “Canto dos peregrinos antes de nascer”
e entoarás o Mesmo canto.